

SOBRE OS BENEFÍCIOS, LIVRO SEGUNDO*

ON BENEFITS, SECOND BOOK

GEORGE FELIPE B. B. BORGES**
BRENNER BRUNETTO O. SILVEIRA**

Resumo: Esta tradução do latim para o português traz as trinta e cinco seções do Livro II da obra *Sobre os Benefícios* (*De beneficiis*) de Lúcio Aneu Sêneca, escrita por volta de 59 e 62 d.C. Sêneca dedica a primeira parte do livro para finalizar os assuntos tratados no livro primeiro (o modo como devemos *conceder* os benefícios) e introduz um tema complementar (o modo como devemos *receber* os benefícios), adentrando assim no assunto da gratidão e da ingratidão.

Palavras-chave: Sêneca; Benefícios; Estoicismo.

Abstract: Translation from Latin to Portuguese of the thirty-five sections of Book II of *On Benefits*, a book written around 59 and 62 AD. Seneca dedicates the first part of the book to finalizing the subjects dealt with in Book One (the way we should *grant* the benefits) and introduces the complementary theme (the way we should *receive* the benefits), thus going into the subject of gratitude and ingratitude.

Keywords: Seneca; Benefits; Stoicism.

SOBRE A OBRA

A obra *Sobre os Benefícios* (*De Beneficiis*) é um ensaio filosófico que Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.) dedicou ao seu amigo Liberal (*Aebutius Liberalis*). No livro primeiro, temos uma introdução mais geral, com Sêneca explorando os vários aspectos da concessão e recepção de benefícios. Agora, no livro segundo, com uma abordagem mais específica fica claro qual é o objetivo real do filósofo. O vemos fazer um uso ainda mais explícito do clientelismo romano (isto é, a prática de distribuição de favores) para expor a filosofia estoica. Destacamos que a noção de dever aparece cinco vezes ao longo deste livro dois. No entanto, o *officium* é usado ao todo sete vezes pelo filósofo, sendo duas em um sentido ordinário, fora do vocabulário da filosofia estoica.

* Tradução do Latim.

** George Borges e Brenner Silveira são pesquisadores em Filosofia na Universidade Federal de Goiás. E-mails: georgecfr@hotmail.com; brenner.tev@hotmail.com. Agradecemos a preciosa colaboração para nossa tradução do Prof. Dr. Renato Ambrósio (Univ. Federal da Bahia.) A tradução do livro I dos *De beneficiis* está publicada na HYPNOS 42.

Podemos dizer que o livro segundo possui duas partes: a primeira parte (2.1 - 17) é o fechamento do tema explorado no livro primeiro, a saber: o modo como devemos *conceder* os benefícios, a segunda parte (2.18 – 35) muda para o tema complementar: Sêneca investiga a maneira como devemos *receber* os benefícios. Com isso ele analisa a noção de ingratidão e sua causa principal que, segundo o filósofo, pode ser ou devido a um excessivo cuidado de si, ou devido a ganância, ou devido a inveja (2.26).

A ideia é bastante simples, ele inundará seu ensaio com exemplos comuns aos romanos para explicar, sobretudo, como se concede e se recebe um benefício. A partir disso, Sêneca introduzirá suavemente as posições da ética estoica, compartilhadas por ele. É uma prática pedagógica brilhante. Ele é capaz de tratar com leveza um dos temas mais caros, a saber, a questão da virtude e das regras morais, tanto para os antigos quanto para nós, que atualmente retomamos o debate entre dever e virtude.

Para darmos ao leitor alguns exemplos dessa imersão moral produzida por Sêneca ao longo do texto podemos citar a crítica que o filósofo faz ao Alexandre, o Grande, em 2.16.¹ Nessa ocasião, Sêneca expõe sua posição particularista na ética. Em linhas gerais, o estoicismo é uma ética eudaimônica, e tem o sábio como paradigma. O sábio, por sua vez sempre sabe o que fazer em cada situação. Os estoicos entendem que os encontros que as pessoas têm com o mundo são sempre marcados por um ineditismo: ou seja, cada ação requer uma resposta única, não havendo leis, regras que universalizem a resposta adequada². Nesse sentido, Sêneca se posiciona diametralmente ao contrário da ética do dever, que pregava uma universalização do dever e uma aplicação imparcial das regras morais.³

Em outra passagem, agora em 2.17.³⁴, vemos Sêneca mostrar que devemos ser parciais ao tomarmos nossas decisões morais, isto é, devemos considerar todos os agentes envolvidos na ocasião. Por quê? Porque temos um papel a cumprir e as outras pessoas também têm seus respectivos papéis para cumprir. Essa posição ética está particularmente ligada a ontologia estoica,

¹ “Parece ser um discurso corajoso e majestoso, quando [na verdade] ele é muito estulto. Nada é, por si, digno para alguém; importa quem dá, a quem ele dá, quando dá, por que dá, onde dá, e assim por diante, sem os quais não é possível pensar sobre isso”.

² “Os preceitos indicados em função de circunstâncias particulares são, em si mesmos, insuficientes [...]” (*Ep.* 94.12).

³ Cf. Ética da *Virtude* de Stan Van Hooft, pág. 16-17.

⁴ “É necessário, entretanto, que um bom jogador jogue de uma maneira para um parceiro alto e de outra maneira para um parceiro baixo. Podemos fazer a mesma consideração em relação aos benefícios: a menos que seja ajustado a ambos os papéis, o doador e o destinatário, [o benefício] não será nem dado nem recebido como se deve.”

que postula um universo organizado com cada parte desempenhando sua função. Assim, não há espaço para a imparcialidade.

Um último exemplo, ainda mais simbólico pode ser encontrado na passagem 2.19.1, onde Sêneca afirma: “Tu vês que o ato em si não tem muita relevância [...]”. Podemos analisar esse curto, mas significativo trecho da seguinte maneira: não se concede benefício quando o mesmo é dado com uma má disposição. Isso é o contrário da ética kantiana, pois para Kant, o dever moral tem mais valor quando ele é realizado por alguém com desejos contrários ao dever. Para Kant, ao cumprirmos um dever que contraria nossas inclinações tal ato se torna mais grandioso do que o ato realizado por alguém que já possui afinidade com o dever.

Aliás, destacamos que a noção de dever, traduzida para o latim por Cícero, aparece cinco vezes ao longo deste livro dois. No entanto, o *officium* é usado ao todo sete vezes pelo filósofo, sendo duas em um sentido mais ordinário, fora do vocabulário da filosofia estoica.

A partir desse contraste com Kant, podemos ver o quanto essa obra é importante para o debate atual, pois demonstra a diferença entre a noção de *dever* dos estoicos com a noção moderna de dever (kantiana e utilitarista, por exemplo).

SOBRE A TRADUÇÃO

Conforme dissemos na tradução do Livro Primeiro a tradução que se segue é parcial. Dentre os sete livros que compõem todo o ensaio intitulado *Sobre os Benefícios*, a atual contempla apenas o livro dois. Outro detalhe que julgamos relevante destacar é que mantivemos em nossa tradução a numeração crítica para que o leitor possa acompanhar o texto em latim. Também informamos que em colchete, como aparece em alguns pontos ao longo do texto, inserimos algumas palavras ou pequenas asserções que podem dar ao leitor uma ajuda para complementar o sentido da sentença.

No que se refere ao aspecto técnico da tradução, debruçamo-nos sobre o texto em latim sem perder de vista outras traduções publicadas anteriormente, em espanhol e em inglês, usando-as para cotejos pontuais. Em espanhol utilizamos as traduções de Cristobal Rodriguez (1962) e Martín Fernández de Navarrete (2006); em inglês, utilizamos as traduções de Aubrey Stewart (2016), John Basore (1935) e Mirian Griffin e Brad Inwood (2011). Tivemos acesso ao texto em latim através do site *Perseus Digital Library*⁵, que utiliza o mesmo texto da edição bilíngue (latim/inglês) de John Basore, publicado pela editora da Universidade de Harvard.

⁵ Cf. <http://www.perseus.tufts.edu>.

Latim - L. Annaeus Seneca.

Texto latino: HOSIUS, C. *De Beneficiis and De Clementia*, 2nd ed. Leipzig (Teubner), 1914.

2.1

[1] *Inspiciamus, Liberalis virorum optime, id quod ex priore arte adhuc superest, quemadmodum dandum sit beneficium; cuius rei expeditissimam videor monstraturus viam: sic demus, quomodo vellemus accipere.* [2] *Ante omnia libenter, cito, sine ulla dubitatione. Ingratum est beneficium, quod diu interdantis manus haesit, quod quis aegre dimittere visus est et sic dare, tamquam sibi eriperet. Etiam si quid intervenit morae, evitemus omni modo, ne deliberasse videamur; proximus est a negante, qui dubitavit, nullamque iniit gratiam. Nam eum in beneficio iucundissima sit tribuentis voluntas, quia nolentem se tribuisse ipsa cunctatione testatus est, non dedit sed adversus ducentem male retinuit; multi autem sunt, quos liberales facit frontis infirmitas.* [3] *Gratissima sunt beneficia parata, facilia, occurrentia, ubi nulla mora fuit nisi in accipientis verecundia. Optimum est antecedere desiderium cuiusque, proximum sequi. Illud melius, occupare ante quam rogemur, quia, cum homini probo ad rogandum os concurrat et suffundatur rubor, qui hoc tormentum remittit, multiplicat munus suum.* [4] *Non tulit gratis, qui, cum rogasset, accepit, quoniam quidem, ut maioribus nostris gravissimis viris visum est, nulla res carius constat, quam quae precibus empti est. Vota homines parcius facerent, si palam facienda essent; adeo etiam deos, quibus honestissime supplicamus, tacite malumus et intra nosmet ipsos precari.*

2.1

[1] Consideremos, caro Liberal, o que nos resta ainda por tratar da primeira parte, a saber, de que modo temos que conceder os benefícios. Acredito que posso apontar um caminho mais curto para isso: que os concedamos da maneira que gostaríamos de recebê-los. [2] Acima de tudo, de bom grado, prontamente e sem nenhuma dúvida. Ingrato é o benefício quando permanece por muito tempo hesitante nas mãos do doador, tal como se tivesse sido dado com desgosto e fosse arrancado por força. Mesmo quando tenha alguma demora, tentaremos não considerar isso em nossa deliberação. Hesitar equivale quase a negar, e destrói toda a reivindicação de gratidão. A vontade bondosa do bem feitor, com efeito, é a parte mais doce de um benefício, segue-se que aquele que, por sua própria demora, provou que doa a contragosto, deve ser considerado não como tendo dado qualquer coisa, mas como alguém incapaz de manter o que deixou escapar. De fato, muitos homens são generosos por falta de firmeza. [3] Os benefícios mais agradáveis são aqueles que estão esperando por nós para recebê-los, que são fáceis de serem recebidos, e se oferecem à nós, de modo que o único atraso é causado pela modéstia do recebedor. Bela ação é conceder os benefícios, porém, é ótimo anteciparmos aos desejos de alguém, cedendo o próximo item. É melhor se ocupar [em conceder] antes que lhe peçam, porque um homem honesto cerra os dentes e se ruboriza ao fazer um pedido, de modo que quem o livra de tal tormento multiplica a seu presente. [4] Aquele que recebe o que pediu não o obtém de graça, pois de fato, como nossos sérios ancestrais pensavam, nada é tão caro quanto o que é comprado pelas preces. Os homens seriam muito mais moderados em suas orações, se estas tivessem que serem feitas publicamente, de modo que, mesmo quando se dirigem aos deuses, diante dos quais podemos com toda honra dobrar nossos joelhos, preferimos orar em silêncio e dentro de nós mesmos.

[1] *Molestum verbum est, onerosum, demisso vultu dicendum, rogo. Huius facienda est gratia amico et quemcumque amicum sis promerendo facturus; properet licet, sero beneficium dedit, qui roganti dedit. Ideo divinanda cuiusque voluntas et, cum intellecta est, necessitate gravissima rogandi liberanda est; illud beneficium iucundum victurum in animo scias, quod obviam venit.*

[2] *Si non contigit praevenire, plura rogantis verba intercidamus; ne rogati videamur sed certiores facti, statim promittamus facturosque nos, etiam antequam interpellemur, ipsa festinatione approbemus. Quemadmodum in aegris opportunitas cibi salutaris est et aqua tempestive data remedii locum obtinuit, ita, quamvis leve et vulgare beneficium est, si praesto fuit, si proximam quamque horam non perdidit, multum sibi adicit gratiamque pretiosi sed lenti et diu cogitati muneris vincit. Qui tam parate facit, non est dubium, quin libenter faciat; itaque laetus facit et induit sibi animi sui vultum.*

2.3

[1] *Ingentia quorundam beneficia silentium aut loquendi tarditas imitata gravitatem et tristitiam corrumpit, cum promitterent vultu negantium. Quanto melius adicere bona verba rebus bonis et praedicatione humana benignaque commendare, quae praestes!* [2] *Ut ille se castiget, quod tardior in rogando fuit, adicias licet familiarem querellam: “Irascor tibi, quod, cum aliquid desiderasses, non olim scire me voluisti, quod tam diligenter rogasti, quod quemquam adbibuisti. Ego vero gratulor mihi, quod experiri animum meum libuit; postea, quidquid desiderabis, tuo iure exiges; semel rusticitati tuae ignoscitur.”*

2.2

[1] A palavra “pedir” é penosa, onerosa e só se a pronuncia declinando o rosto. E devemos poupar nossos amigos e a qualquer outra pessoa cuja amizade desejamos captar com os benefícios: por mais rápido que seja, um homem sempre dá tarde demais aos que lhe pediram. Devemos, portanto, adivinhar os desejos de todos os homens e, quando os descobrirmos, libertá-los da pesadíssima necessidade de pedir. Tu podes ter certeza de que um benefício que venha ao encontro do necessitado será agradável e ficará gravado em seu espírito. **[2]** Se não conseguirmos antecipar nossos amigos, deixemo-nos, de qualquer modo, intercedamos entre suas palavras pedintes, para que pareçamos lembrados do que pretendíamos fazer, em vez de termos sido solicitados a fazê-lo. Vamos concordar imediatamente e, através de nossa prontidão, parecer que pretendíamos fazê-lo mesmo antes de sermos solicitados. Assim como para um enfermo é saudável a comida administrada oportunamente, e até a água pura dada no tempo certo pode servir de remédio, assim também o mais ligeiro e insignificante benefício, feito com rapidez, sem demora, aumenta em valor e se realça por cima do presente muito mais valioso dado após longas esperas e deliberações. Aquele que dá tão prontamente deve dar com boa vontade; ele, portanto, dá alegremente e mostra sua disposição em seu semblante.

2.3

[1] Muitos que concedem benefícios enormes os estragam com seu silêncio ou com uma eloquência lenta, dando-lhes um ar de morosidade, dizendo “sim” com um rosto que parece dizer “não”. Quanto melhor é juntar boas palavras a boas ações, e fazer valer humana e benignamente os serviços prestados! **[2]** Para curar seu amigo de sua lentidão ao pedir um favor, tu podes juntar ao teu presente uma repreensão familiar: “Estou bravo contigo por não teres há muito tempo deixado-me saber o que tu querias, por teres pedido isso tão formalmente, ou por teres feito através de um terceiro. Parablenizo a mim mesmo, e me regozijo por tu testares o meu espírito; mas a partir de agora, se quiseres alguma coisa, peça por ela como teu direito; uma só vez perdooarei tua vergonhosa falta de boas maneiras.”

[3] *Sic efficies, ut animum tuum pluris aestimet quam illud, quidquid est, ad quod petendum venerat. Tunc est summa virtus tribuentis, tunc benignitas, ubi ille, qui discessit, dicet sibi: "Magnum hodie lucrum feci; malo, quod illum talem inveni, quam si multiplicatum hoc ad me, de quo loquebar, alia via pervenisset; huic eius animo numquam parem gratiam referam."*

2.4

[1] *At plerique sunt, qui beneficia asperitate verborum et supercilio in odium adducunt eo sermone usi, ea superbia, ut impetrasse paeniteat. Aliae deinde post rem promissam secuntur morae; nihil autem est acerbius, quam ubi quoque, quod impetrasti, rogandum est. [2] Repraesentanda sunt beneficia, quae a quibusdam accipere difficilius est quam impetrare. Hic rogandus est, ut admoneat, ille, ut consummet; sic unum munus per multorum manus teritur, ex quo gratiae minimum apud promittentem remanet, quia auctori detrahit, quisquis post illum rogandus est. [3] Hoc itaque curae habebis, si grate aestimari, quae praestabis, voles, ut beneficia tua inlibata, ut integra ad eos, quibus promissa sunt, perveniant, sine ulla, quod aiunt, deductione. Nemo illa intercipiat, nemo detineat; nemo in eo, quod daturus es, gratiam suam facere potest, ut non tuam minuat.*

3] Ao fazê-lo, tu farás com que ele estime ainda mais teu espírito, o que quer que tenha sido, o que ele veio pedir a ti. A grande virtude do benfeitor, sua benignidade se ostentam quando ao deixá-lo, pode alguém dizer [a si mesmo]: “Tão grande foram as coisas que recebi hoje; considero-me estimado por ter me encontrado com este homem tão gentil, a ponto de preferir seus benefícios do que se por outros meios eu tivesse recebido muito mais do que recebi agora; meu agradecimento jamais se igualaria a grandeza do seu espírito”.

2.4

[1] Muitos são os que convertem os benefícios em ódio pela aspereza de suas palavras, com seu rosto enrugado, falando e agindo desdenhosamente, de modo que o beneficiado se sinta arrependido de ter obtido o que pediu. Vários atrasos também acontecem depois de recebermos uma promessa; não havendo nada mais amargo do que pedir novamente após já ter pedido. **[2]** Os benefícios devem ser executados imediatamente, pois com certas pessoas é mais difícil obter o benefício do que a promessa de um. Um homem deve ser solicitado a lembrar nosso benfeitor de seu propósito; outro para que o faça realizar, e assim uma única dádiva é gasta em muitas mãos, até que quase nenhuma gratidão é deixada para quem prometeu originalmente, uma vez que somos forçados a solicitar após a promessa uma intervenção de terceiros, a quem devemos ser gratos como ao nosso credor. **[3]** Trata, pois, se queres que te agradeçam plenamente pelos teus serviços, de que estes cheguem intactos, com toda a integridade, sem diminuição alguma do que se disse, às mãos de teus destinatários. Não deixe ninguém interceptá-los ou atrasá-los; pois ninguém pode receber qualquer parcela da gratidão sem cercear o que corresponde a ti.

[1] *Nilil aequae amarum quam diu pendere; aequiore quidam animo ferunt praecidi spem suam quam trahi. Plerisque autem hoc vitium est ambitione prava differendi promissa, ne minor sit rogantium turba, quales regiae potentiae ministri sunt, quos delectat superbiae suae longum spectaculum, minusque se iudicant posse, nisi diu multumque singulis, quid possint, ostenderint. Nilil confestim, nilil semel faciunt; iniuriae illorum praecipites, lenta beneficia sunt.* [2] *Quare verissimum existima, quod ille comicus dixit: Quid? tu non intellegis tantum te gratiae demere, quantum morae adicis? Inde illae voces, quas ingenuus dolor exprimit: «Fac, si quid facis» et: «Nilil tanti est; malo mihi iam neges.» Ubi in taedium adductus animus incipit beneficium odisse, dum expectat, potest ob id gratus esse?*

[1] Assim sendo, nada é tão amargo quanto uma longa espera; alguns podem suportar até mesmo que suas esperanças se extingam, do que vê-las sendo arrastadas. No entanto, muitos homens vis são levados por uma ambição indigna a esse vício de adiar a realização de suas promessas, apenas para aumentar a multidão daqueles que pedem, como os ministros da realeza, que se deleitam em prolongar a exibição de sua própria arrogância, achando que não são poderosos o suficiente se não fizerem uma grande demonstração de seu poder através do longo tempo de espera que eles submetem os homens. Eles não fazem nada prontamente, ou de uma só vez; são rápidos em fazer injúrias, mas demoram para conceder o benefício. [2] Considera, pois, como dos mais verdadeiros este dizer do poeta cômico⁶: “Tu não percebes isso? Quanto mais atrasas os benefícios, minha gratidão se esvai.” A partir dessas queixas, originam-se aquelas vozes que pronunciam a dor ingênua: “O que tu fazes, faça depressa.” E: “*Nada eu estimo tanto: Antes de demorar-te prefiro que me negues.*” Cansado, o espírito transforma o benefício prometido em objeto de ódio, ou enquanto espera, como alguém pode sentir-se grato por isso?

⁶ O poeta cômico é Publilius Syrus, em português, Públio Siro (85-43 a.C.). Natural da Síria, chegou à Itália por meio do mercado escravocrata. Foi um poeta muito apreciado por Sêneca, além de ser citado na obra *De Beneficiis*, também foi reverenciado por Sêneca nas suas epístolas 8 e 94, onde Sêneca defende que suas máximas são do tipo que “não carecem de advogado” (Ep. 94.28), e “atingem-nos como uma pancada, sem permitirem que duvidemos ou nos perguntemos porquê! Mesmo sem recurso à razão, a sua verdade aparece-nos com transparência” (Ep. 94.43).

[3] *Quemadmodum acerbissima crudelitas est, quae trahit poenam, et misericordiae genus est cito occidere, quia tormentum ultimum finem sui secum adfert, quod antecedit tempus, maxima venturi supplicii pars est, ita maior est muneris gratia, quo minus diu pependit. Est enim etiam bonarum rerum sollicita expectatio, et eum plurima beneficia remedium alicuius rei adferant, qui aut diutius torqueri patitur, quem protinus potest liberare, aut tardius gaudere, beneficio suo manus adfert.* [4] *Omnis benignitas properat, et proprium est libenter facientis cito facere; qui tarde et diem de die extrahens profuit, non ex animo fecit. Ita duas res maximas perdidit, et tempus et argumentum amicae voluntatis; tarde velle nolentis est.*

2.6

[1] *In omni negotio. Liberalis, non minima portio est, quomodo quidque aut dicatur aut fiat. Multum celeritas adiecit, multum abstulit mora. Sicut in telis eadem ferri vis est, sed infinitum interest, utrum excusso lacerto torqueantur an remissa manu effluent, gladius idem et stringit et transforat, quam presso articulo venerit, refert, ita idem est, quod datur, sed interest, quomodo detur.*

[3] Como a crueldade mais refinada é aquela que prolonga o tormento, enquanto matar a vítima de imediato é uma espécie de misericórdia, já que a extremidade do tormento traz consigo o seu próprio fim, o intervalo é a pior parte da execução, assim funciona com os benefícios, quanto menor o tempo que ele fica na balança, mais agradecido é o receptor. É possível olhar para frente com uma angústia ansiosa até mesmo para coisas boas e, vendo que a maioria dos benefícios consiste em um remédio⁷ para as formas de miséria, um homem destrói o valor do benefício por ele concedido, se ele tem o poder de nos aliviar, mas ainda nos permite sofrer ou não ter prazer por mais tempo do que precisamos. [4] Toda bondade é feita ligeira, sendo próprio do homem que age prazerosamente agir com velocidade. Aquele que nos faz bem, mas o faz tardiamente e com longos atrasos, dia após dia, o faz de mal grado. Com o qual perde-se duas coisas preciosíssimas: o tempo e a prova de sua boa vontade⁸ para nós; pois querer tarde é não querer.

2.6

[1] Em qualquer negócio, caro Liberal, o modo como é feito ou dito não é uma pequena parte. A prontidão faz com o que é dado pareça muito, como muito se perde com a demora. Como nas flechas, a força do ferro sempre será a mesma, mas é infinita a diferença entre disparar com um braço vigoroso ou deixar uma mão débil e hesitante; e da mesma maneira que a mesma espada às vezes faz pequenas feridas e às vezes penetra no interior, sabendo que o golpe vem de um braço forte; o mesmo acontece no que é concedido, no qual o modo se torna importante.

⁷ *Remedium*. Mantivemos o termo médico dada a atenção que Sêneca tinha para com a saúde da alma. Assim, fazemos coro a analogia entre medicina e filosofia moral, que vários comentadores sustentam haver na filosofia ética antiga.

⁸ *Amicae voluntatis*. Literalmente ficaria algo como “uma vontade amiga”. O sentido que Sêneca emprega em tal frase é ao conceito de voluntas, tão caro e tão revolucionário em sua filosofia moral. Conceito este, que, por sua vez, foi responsável por “diminuir” um pouco a carga do intelectualismo grego. A tradição intelectual grega dispunha da noção de *diánoia* (*dianóia*) termo derivado de *nóus* (*nous*) e *noeîn* (*noeîn*), que captura o pensamento estritamente intelectual. Por outro lado, como observa Pohlenz (1967), Sêneca opera uma ruptura com os gregos ao usar a noção de vontade, inaugurando uma nova forma de tratar as questões de ética e educação moral. Pohlenz também destaca que essa transformação se deu nesta obra, no *De Beneficiis* (p. 89).

[2] *Quam dulce, quam pretiosum est, si gratias sibi agi non est passus, qui dedit, si dedisse, dum dat, oblitus est! Nam corripere eum, cui cum maxime aliquid praestes, dementia est et inserere contumeliam meritis. Itaque non sunt exasperanda beneficia nec quicquam illis triste miscendum. Etiam si quid erit, de quo velis admonere, aliud tempus eligite.*

2.7

[1] *Fabius Verrucosus beneficium ab homine dure aspere datum panem lapidosum vocabat, quem esurienti accipere necessarium sit, esse acerbum. [2] Ti. Caesar rogatus a Nepote Mario praetorio, ut aeri alieno eius succurreret, edere illum sibi nomina creditorum iussit; hoc non est donare sed creditores convocare. Cum edita essent, scripsit Nepoti iussisse se pecuniam solvi adiecta contumeliosa admonitione. Effecit, ut Nepos nec aes alienum haberet nec benefidum; liberavit illum a creditoribus, sibi non obligavit. Aliquid Tiberius secutus est; [3] puto, noluit plures esse, qui idem rogaturi concurrerent. Istā fortasse efficax ratio fuerit ad hominum improbas cupiditates pudore reprehendas, beneficium vero danti tota alia sequenda est via. Omni genere, quod des, quo sit acceptatius, adornandum est. Hoc vero non est beneficium dare, deprehendere est.*

[2] Quão doce, quão precioso é um presente, quando aquele que dá não se permite ser agradecido, e quando, enquanto dá, se esquece do que deu! Repreender um homem enquanto estás dando algo a ele é pura loucura; é misturar insulto com seus favores. Não devemos sobrecarregar nossos benefícios, ou acrescentar qualquer amargor a eles. Mesmo se houver algum assunto sobre o qual desejas avisar teu amigo, escolha outra hora para fazê-lo.

2.7

[1] Fábio⁹ dizia que um benefício concedido por um homem severo de maneira ofensiva é como um pão arenoso, que um homem faminto é obrigado a receber, mas que é doloroso de comer. [2] Quando Mário Nepos¹⁰, da guarda pretoriana, pediu a ajuda de Tibério César¹¹ para pagar suas dívidas, Tibério pediu-lhe uma lista de seus credores; mas não para pagá-los, como uma boa ação, e sim para reuni-los. Quando a lista foi feita, Tibério escreveu a Nepos dizendo-lhe que havia ordenado que o dinheiro fosse pago e acrescentando algumas censuras severas. Com efeito, Nepos não tinha mais dívidas, mas não recebeu nenhuma gentileza; Tibério, na verdade, livrou-o [Nepos] de seus credores, mas não o livrou de si mesmo. Tibério tinha algo em mente; [3] imagino que ele não desejasse que outros o procurassem com o mesmo pedido [de pagar dívidas]. Seu modo de proceder foi, talvez, bem-sucedido em restringir os desejos extravagantes dos homens pela vergonha, mas aquele que deseja conferir benefícios deve seguir um caminho bastante diferente. De todas as formas, tu debes tornar teu benefício o mais aceitável possível, apresentando-o com adornos. Mas o método de Tibério não é conferir benefícios, mas repreender.

⁹ Sêneca se refere aqui ao Quintus Fabius Maximus Verrucosus (275 – 203 a.C.), ou, como conhecemos em português, Quinto Fábio Máximo. Foi um político notável sendo eleito cônsul cinco vezes entre 233 e 209 a.C.. Ele pertence a uma família de cônsules, onde seu pai foi cônsul em 265 e seu filho, eleito cônsul em 213. Também é de se destacar a sua importância na Segunda Guerra Púnica, onde ele contribuiu para a derrocada de Aníbal.

¹⁰ Não se sabe nada sobre Mário Nepos, apenas o que Sêneca relatou brevemente sobre ele.

¹¹ A referência aqui é, obviamente, ao segundo Imperador romano Tibério Cláudio Nero César (42 a.C. – 37 d.C.), imperador este que, junto com outros, não era admirado por nosso filósofo, seja por sua admiração à Antiga República em contraste com o Império, seja por sua repulsa em relação aos homens que exerceram o cargo de Imperador.

[1] *Et ut in transitu de hac quoque parte dicam, quid sentiam, ne principi quidem satis decorum est donare ignominiae causa. «Tamen,» inquit, «effugere Tiberius ne hoc quidem modo, quod vitabat, potuit; nam aliquot postea, qui idem rogarent, inventi sunt, quos omnes iussit reddere in senatu aeris alieni causas, et ita illis certas summas dedit.» Non est illud liberalitas, censura est. [2] Auxilium est, principale tributum est; beneficium non est, cuius sine rubore meminisse non possum. Ad iudicem missus sum; ut impetrarem, causam dixi.*

2.9

[1] *Praecipiunt itaque omnes auctores sapientiae quaedam beneficia palam danda, quaedam secreto. Palam, quae consequi gloriosum, ut militaria dona, ut honores et quidquid aliud notitia pulchrius fit; [2] rursus, quae non producant nec honestiorem faciunt, sed succurrunt infirmitate egestati, ignominiae, tacite danda sunt, ut nota sint solis, quibus prosunt.*

2.10

[1] *Interdum etiam ipse, qui iuvatur, vel fallendus est, ut habeat nec, a quo acceperit, sciat. Arcesilan aiunt amico pauperi et paupertatem suam dissimulanti, aegro autem et ne hoc quidem confitenti deesse sibi in sumptum ad necessarios usus, clam succurrendum iudicasse; pulvino eius ignorantis sacculum subiecit, ut homo inutiliter verecundus, quod desiderabat, inveniret potius quam acciperet.*

2.8

[1] E para lhe dizer o que sinto, mesmo que seja apenas de passagem, nem mesmo o imperador pode conceder um benefício para provocar humilhação. “E ainda”, nos é dito, “Tibério nem mesmo por esse meio atingiu seu objetivo; pois depois disso, muitas pessoas foram encontrá-lo para fazer o mesmo pedido. Ele ordenou a todos que explicassem as razões de seu endividamento perante o Senado e, quando o fizeram, lhes concederam certas somas definidas de dinheiro”. Este não é um ato de generosidade, mas uma reprimenda. **[2]** Tu podes chamar isso de subsídio ou contribuição imperial; não é um benefício, pois o receptor não pode pensar nisso sem vergonha. Fui convocado perante um juiz e tive que me defender no tribunal antes de obter o que pedi.

2.9

[1] Assim, todos os mestres da sabedoria ensinam que certos benefícios devem ser dados em segredo, e outros em público. Aquelas coisas que são gloriosas receber, como condecorações militares ou cargos públicos, e qualquer outra coisa que se valorize quanto mais amplamente se conhece, devem ser conferidas em público; **[2]** por outro lado, os que não engrandecem nem aumentam sua posição social, mas apenas o socorrem nos momentos de fraqueza, necessidade ou desgraça, devem ser dados em silêncio, e de modo a serem conhecidos unicamente pelos que o recebem.

2.10

[1] Convém, às vezes, enganar aquele que recebe o benefício, a fim de que possa receber nossa recompensa sem conhecer a fonte de onde flui. Conta-se que Arcesilau¹² tinha um amigo pobre, mas que dissimulava sua pobreza; quando ficou doente, tentou esconder sua enfermidade, e não tinha dinheiro para as despesas necessárias da existência. Sem o seu conhecimento, Arcesilau colocou um saco de dinheiro debaixo do travesseiro, para que essa vítima da falsa vergonha parecesse encontrar o que queria receber.

¹² Arcesilau (316 – 241 a.C.) foi quem iniciou o ceticismo na Academia, dando origem a Academia Média. É curioso Sêneca citá-lo pelo fato de Arcesilau ter sido um dos oponentes mais formidáveis das doutrinas estoicas.

[2] *«Quid ergo? ille nesciet, a quo acceperit?» Primum nesciat, si hoc ipsum beneficii pars est; deinde multa alia faciam, multa tribuam, per quae intellegat et illius auctorem; denique ille nesciet accepisse se, ego sciam me dedisse. «Parum est,» inquis. Parum, si fenerare cogitas; sed si dare, quo genere accipienti maxime profuturum erit, dabis. Contentus eris te teste; alioqui non bene facere delectat sed videri benefecisse. [3] «Volo utique sciat.» Debitorem quaeris. «Volo utique sciat.» Quid? si illi utilius est nescire, si honestius, si gratius, non in aliam partem abibis? «Volo sciat.» Ita tu hominem non servabis in tenebris? [4] Non nego, quotiens patitur res, respiciendum gaudium ex accipientis voluntate; sin adiuvari illum et oportet et pudet, si, quod praestamus, offendit, nisi absconditur, beneficium in acta non mitto. Quidni? ego illi non sum iudicaturus me dedisse, cum inter prima praecepta ac maxime necessaria sit, ne umquam exprobrem, immo ne admoneam quidem. Haec enim beneficii inter duos lex est : alter statim oblivisci debet dati, alter accepti numquam.*

[2] “Então? Convém, por acaso, que se ignore a pessoa protetora?” Precisamente, e em primeiro lugar, se tal ignorância constitui parte do benefício; depois, farei tanto por ele e lhe darei tanto que perceberá quem foi o doador do benefício anterior; por fim, que ele não saiba que recebeu alguma coisa, desde que eu saiba que a concedi. “Pouca coisa”, me dirás. E tens razão se consideras algum interesse possível: que só se tenha no espírito que tua dádiva seja proveitosa para aquele que recebe, te bastará então, teu próprio testemunho. Do contrário tu não te deleitas em fazer o bem, mas em ser visto ao tê-lo feito. [3] “Quero que ele saiba”. O que buscas, pois, é um devedor. “Quero que ele saiba”. Para que? Embora seja mais útil, mais honesto, mais agradável para ele não conhecer o seu benfeitor, tu não consentirás em ficares de lado? “Quero que ele saiba”. Então, não salvarias a vida de um homem no escuro? [4] Não nego que, em certas ocasiões, seja lícito receber alegria ao ver a boa vontade daquele que recebe o benefício; quando é conveniente que alguém seja ajudado, mas se envergonha disso, se ofendendo quando não lhe damos algo que não seja em segredo, então não escrevo este benefício em meu diário. Como? Porque não devo deixar de sugerir que dei a ele alguma coisa, quando o primeiro e mais essencial dever¹³ é nunca censurar um homem com o que foi concedido a ele, e nem mesmo lembrá-lo disso. Eis aqui a lei dos benefícios: o benfeitor tem que esquecê-los imediatamente, enquanto o beneficiado deve sempre se lembrar. A regra para o doador e recebedor de um benefício é: aquele deve imediatamente esquecer que ele deu e este nunca deve esquecer que ele o recebeu.

¹³ *Praecepta*. Esse é um dos conceitos que fazem este livro ser tão importante na bibliografia de Sêneca. O conceito de dever, em latim *praecepta*, foi traduzido nas outras edições que consultamos para cotejos como “*preceptos*”, na versão de Cristobal Rodriguez. Uma boa tradução, bem literal, podendo chegar ao nosso idioma como preceito. Na versão em inglês de John Basore, o termo usado é “*rule*”, regra, algo mais vago pela conotação de generalidade que a palavra pode impor. Griffin e Inwood usaram “*guidelines*”, um termo um pouco mais brando que o de Basore, que poderíamos traduzir como “orientações básicas”. Para mais sobre a questão dos *praecepta* em Sêneca consultar as cartas 94 e 95 e o capítulo 4, *Rules and Reasoning in Stoic Ethics*, de *Reading Seneca*, de Brad Inwood. Ver também o artigo intitulado *O Olhar de Sêneca sobre o debate contemporâneo entre as éticas do dever e da virtude*, onde é explorado em detalhes as cartas supracitadas.

[1] *Lacerat animum et premit frequens meritorum commemoratio. Libet exclamare, quod ille triumvirali proscriptione servatus a quodam Caesaris amico exclamavit, cum superbiam eius ferre non posset: "Redde me Caesari!" Quousque dices: "Ego te servavi, ego eripui morti"? Istud, si meo arbitrio memini, vita est; si tuo, mors est. Nihil tibi debeo, si me servasti, ut haberes, quem ostenderes. Quousque me circumducis? Quousque oblivisci fortunae meae non sinis? Semel in triumpho ductus essem! Non est dicendum, quid tribuerimus; [2] qui admonet, repetit. Non est instandum, non est memoria renovanda, nisi ut aliud dando prioris admoneas. Ne aliis quidem narrare debemus; qui dedit beneficium, taceat, narret, qui accepit. Dicetur enim, quod illi ubique iactanti beneficium suum. «Non negabis,» inquit, «te recepisse»; et cum respondisset: «Quando?» «Saepe quidem,» inquit, «et multis locis, id est, quotiens et ubicumque narrasti.»*

[1] Relembrar constantemente os próprios favores dilacera e deprime a alma das pessoas. Por exemplo, a esse propósito, aquele homem que foi salvo da proscrição do triunvirato¹⁴ por um dos amigos de César, quando não foi capaz de suportar a arrogância de seu salvador, ele exclamou: “Devolva-me a César! Enquanto tu continuarás dizendo: ‘Eu te salvei, te arranquei da morte’? Se lembro disso por meu próprio julgamento, isto é vida; se pelo teu [julgamento] então é morte. Eu não devo nada a ti, se me salvaste apenas para ter alguém para expor. Até quando ficarás me expondo? Até quando me enganarás? Quando me negarás o esquecimento de minha [boa] fortuna? Que eu fosse arrastado no teu triunfo¹⁵ uma vez por todas”. Não devemos falar das coisas que damos; [2] aquele que lembra quer algo em troca. Não devemos pressionar para que eles renovem sua memória, só se deve relembrar um homem do que tu lhe deste, concedendo-lhe outro benefício; e nem devemos contar a outras pessoas sobre isso, com o doador do benefício ficando em silêncio; o destinatário é quem deve falar. Caso contrário, o doador ouvirá a mesma coisa que foi dito ao homem que constantemente espalhava ter concedido um benefício a alguém. “Tu não negarás”, disse [aquele que recebeu o benefício], “que tu recebeste um retorno por isso?” E ele respondeu: “Quando?” “Várias vezes”, disse, “e em muitos lugares, isto é, sempre e em todo lugar em que tu narras [a história]”.

¹⁴ Houve na história romana dois triunviratos: o primeiro com Júlio Cesar, Crasso e Pompeu (este é sobre o qual Sêneca fala) e o segundo com Marco Antônio, Otávio e Lépido. No caso do primeiro triunvirato, ele se deu de maneira informal, atendendo as necessidades e as ambições de três figuras importantes para Roma: Pompeu que já era popular por sua carreira militar, Crasso se integrou por ser muito rico, e Júlio Cesar por ter finalmente vencido o general gaulês Vercingetórix, ganhando muita força política.

¹⁵ O triunfo romano (*triumphus*) era o modo dos romanos demonstrarem força, tanto política quanto militar (por serem saudados por uma multidão ao longo das ruas de Roma). Ao passo que o general desfilava com seu exército exitoso, os derrotados eram humilhados, sendo arrastados e agredidos ao longo da parada, e mortos ao final. Vale destacar como Sêneca usa essa imagem, tão viva aos romanos: é como se o receptor fosse um inimigo de Roma sendo torturado a cada vez que o doador lembre-o de seu benefício.

[3] *Quid opus est eloqui, quid alienum occupare officium? Est, qui istud facere honestius possit, quo narrante et hoc laudabitur, quod ipse non narras. Ingratum me iudicas, si istud te tacente nemo sciturus est! Quod adeo non est committendum, ut etiam, si quis coram nobis narrabit, respondendum sit: «Dignissimus quidem ille est maioribus beneficiis, sed ego magis velle me scio omnia illi praestare quam adhuc praestitisse»; et haec ipsa non verniliter nec ea figura, qua quidam reiciunt, quae magis ad se volunt adtrahere. [4] Deinde adicienda omnis humanitas. Perdet agricola, quod sparsit, si labores suos destituit in semine; multa cura sata perducuntur ad segetem; nihil in fructum pervenit, quod non a primo usque ad extremum aequalis cultura prosequitur. Eadem beneficiorum condicio est. [5] Numquid ulla maiora possunt esse, quam quae in liberos patres conferunt? Haec tamen irrita sunt, si in infantia deserantur, nisi longa pietas munus suum nutrit. Eadem ceterorum beneficiorum condicio est: nisi illa adiuveris, perdes; parum est dedisse, fovenda sunt. Si gratos vis habere, quos obligas, non tantum des oportet beneficia, sed ames. Praecipue, ut dixi, pareamus auribus; admonitio taedium facit, exprobratio odium. [6] Nihil aequè in beneficio dando vitandum est quam superbia. Quid opus arrogantia vultus, quid tumore verborum? Ipsa res te extollit. Detrahenda est inanis iactatio; res loquentur nobis tacentibus. Non tantum in- gratum, sed invisum est beneficium superbe datum.*

[3] Qual é a necessidade de dizer tais coisas e usurpar o ofício do outro? Há alguém mais honrável que pode narrar a história, e assim tu ganharás a aprovação por não ser aquele quem a narrou. Tu me julgarias ingrato caso eu permaneça em silêncio, fazendo com que ninguém saibas de tua ação. Longe disso, mesmo estando na presença de alguém que narre a história, deveríamos dizer: “Ele é digníssimo destes e de ainda benefícios maiores, mas eu sei que desejo fazer muito mais do que eu fiz até agora”; e não devemos dizer de modo submisso, e nem com aquele ar de quem combate as coisas que mais desejam atrair. [4] Além disso, devemos agir com humanidade com todos. Se o agricultor parar de trabalhar vai perder tudo aquilo que semeou; [pois exige-se] muito cuidado no processo até a colheita. Não haverá nenhum fruto a menos que haja um cultivo do princípio ao fim. Do mesmo modo é a condição dos benefícios. [5] Há benefícios maiores do que aqueles recebidos dos filhos pelos pais?¹⁶ No entanto, [esses benefícios] são insignificantes caso sejam abandonados durante a infância, a menos que nutram com devoção¹⁷ o presente que concederam. Igualmente é com outros benefícios: a menos que ajude-os, os perderá; não é o suficiente concedê-los, devemos mantê-los aquecidos. Se desejas que as pessoas sejam obrigadas a demonstrar gratidão, não debes apenas conceder benefícios, debes amá-los também. Acima de tudo, como já disse, poupe aquelas orelhas [que receberam os benefícios]; tu os deixarás aborrecidos caso os relembre e se os criticar por isso eles te odiarão. [6] A altivez deve ser evitada acima tudo quando conferimos um benefício. Quem precisa dessa arrogância ou dessas palavras soberbas? A própria ação te elevará. Remova essa ostentação vazia; deixe nossas ações falarem e permaneçamos em silêncio. Um benefício conferido com arrogância não só não ganha gratidão, mas causa desconfiança.

¹⁶ Sêneca faz alusão ao que parece ser o maior benefício que os pais podem fazer aos filhos: trazê-los a vida. No entanto, na sequência do texto vemos o filósofo enfatizar que tal benefício não é o bastante – os pais também devem seguir cuidando zelosamente de seus filhos.

¹⁷ *Pietas*. Literalmente: piedade. Miriam Griffin e Brad Inwood traduziram como “*obliged*” e Albrey Stewart traduziu como “*obligation*”. Seria uma melhor tradução *senso de dever* para que não haja uma interpretação com conotação religiosa por parte do leitor, embora ela não seja tão fiel ao texto latino. Essa tradução alternativa também deixaria mais claro o viés ético e ontológico da oração: isto é, que cada um tem um papel a desempenhar no cosmos e deve ter um senso de dever ao cumpri-lo.

[1] *C. Caesar dedit vitam Pompeio Penno, si dat, qui non aufert; deinde absoluto et agenti gratias porrexit osculandum sinistrum pedem. Qui excusant et negant id insolentiae causa factum, aiunt socculum auratum, immo aureum, margaritis distinctum ostendere eum voluisse. Ita prorsus: quid hic contumeliosum est, si vir consularis aurum et margaritas osculatus est alioquin nullam partem in corpore eius electurus, quam purius oscularetur?* [2] *Homo natus in hoc, ut mores liberae civitatis Persica servitute mutaret, parum iudicavit, si senator, senex, summis usus honoribus in conspectu principum supplex sibi eo more iacuisset, quo hostes victi hostibus iacuerent; invenit aliquid infra genua, quo libertatem detruderet! Non hoc est rem publicam calcare, et quidem, licet id aliquis non putet ad rem pertinere, sinistro pede? Parum enim foede furioseque insolens fuerat, qui de capite consularis viri soccatus audiebat, nisi in os senatoris ingessisset imperator epigros suos!*

[1] Caio César¹⁸ concedeu a Pompeio Peno¹⁹ a sua vida, se não lhe tira a vida, então lhe está concedendo-a; quando Pompeio expressou sua gratidão pela liberdade, Caio esticou o pé esquerdo para que fosse beijado. Há aqueles que dão desculpas para esta ação, e dizem que não foi um ato de insolência, afirmando que Caio só desejava mostrar seu chinelo dourado cravejado de pérolas. Exatamente: que desgraça pode haver em um homem de posição consular beijando ouro e pérolas, e que parte do corpo inteiro de César seria mais pura para beijar? [2] Um homem [Caio] cujo destino era substituir os costumes de uma cidade livre por servidão aos persas, achava que não bastava um senador senil, que gozou da maior das honras, se prostrasse como suplicante diante dele na presença dos nobres, assim como os vencidos se prostram diante de seu conquistador; Caio encontrou um lugar abaixo dos joelhos para empurrar sua liberdade! Isso não significa pisar na república, e com o pé esquerdo²⁰, embora alguns possam não achar isso importante? A insolência de um homem que usava chinelos enquanto ouvia o caso de um distinto cônsul não era satisfeita pela feiura e a loucura, ele precisa, como imperador, enfiar os pés no rosto de um senador!

¹⁸ Sêneca se refere ao terceiro Imperador Romano Caio Júlio César Augusto Germânico (12 – 41 d.C.), mais conhecido como Calígula (agnome de sandálias). Calígula, a princípio, chegou a ser tutelado por Sêneca, porém foi substituído por Caio Ofônio Tigelino (10 – 69 d.C.), político, comandante da guarda pretoriana (GREEN, 2006, p. 57).

¹⁹ Pompeio Peno foi um cônsul romano, aproximadamente entre os anos de 39 e 40 d.C.. Embora não haja muitas informações sobre ele, pode-se supor que esta história, como relata Griffin e Inwood em uma nota, remete a uma conspiração que Pompeio participou contra Calígula (2011, p. 194).

²⁰ Miriam Griffin e Inwood (2011), em uma nota de rodapé, falam sobre este aspecto cultural romano, que envolve um certo misticismo em relação ao pé esquerdo. Segundo eles era comum os romanos atribuírem imoralidade e má sorte ao pé canhoto (*Ibidem.*). Vemos que essa aversão romana chegou até nós, com a palavra sinistro. Etimologicamente ela vem de *sinistre*, que significa esquerdo. Por outro lado, a palavra direito vem de *directus* que significa algo como colocar em linha reta, mostrando assim a diferença entre um (que simboliza a má sorte de uma pessoa) e outro (que simboliza a retidão). Além disso, também temos como ditado popular bem comum o famoso “acordar com o pé esquerdo”.

[1] *O superbia, magnae fortunae stultissimum malum! Ut a te nihil accipere iuvat! Ut omne beneficium in iniuriam convertis! Ut te omnia dedecent! Quoque altius te sublevasti, hoc depressior es ostendisque tibi non datum agnoscere ista bona, quibus tantum inflaris; quidquid das, corrumpis.* [2] *Libet itaque interrogare, quid se tanto opere resupinet, quid vultum habitumque oris pervertat, ut malit personam habere quam faciem? Iucunda sunt, quae humana fronte, certe leni placidaque tribuuntur, quae cum daret mihi superior, non exultavit supra me, sed quam potuit benignissimus fuit descenditque in aequum et detraxit muneri suo pompam, sic observavit idoneum tempus, ut in occasione potius emam in necessitate succurreret.* [3] *Uno modo istis persuadebimus, ne beneficia sua insolentia perdant, si ostenderimus non ideo videri maiora, quod tumultuosius data sunt; ne ipsos quidem ob id cuiquam posse maiores videri; vanam esse superbiae magnitudinem et quae in odium etiam amanda perducant.*

[1] Ó orgulho, o mais estulto mal da grande fortuna! Quão proveitoso é não aceitar nada de ti! Quando tu convertes todos os benefícios em fermentos! Posto todos eles [benefícios] são impróprios para ti [orgulho]! Quanto mais alto tu te elevas, mais inferior tu te manifestas, e reconheces que os bens, pelos quais tu te envaideces, não são teus; qualquer coisa que tu entregas, tu corrompes. [2] Assim, seria agradável perguntar, por que alguém se orgulha mudando tanto a forma e aparência de seu rosto, parecendo preferir uma máscara ao próprio semblante? Quão agradáveis são [os benefícios dados] com uma expressão humana, determinados pela calma e tranquilidade, dados por alguém superior, mas que não se impõe, mas que foi o mais amigável possível, colocando-se em meu nível, sem pompas e observou o tempo certo, vindo auxiliar-me quando era apropriado, e não quando estava necessitando de socorro. [3] O único modo de persuadi-los a não desperdiçar os benefícios por sua arrogância é mostrando [que os benefícios] não parecem maiores só porque são concedidos através de algazarras;²¹ que tais condições [de algazarras] não podem fazer alguém pensar que os doadores são por isso maiores; sua soberba é um grande vazio que os levam [i.e. os homens] a odiarem o que deveriam amar.

²¹ *Tumultuosius*. Tal noção vem de *tumultus*, que indica uma perturbação, desordem, bagunça, balbúrdia. Por isso acreditamos que ele está se referindo de maneira pejorativa às condições “festivas” citadas acima, que alguém cria ao conceder os benefícios. Essa sutileza parece ter passado despercebida por outras traduções como a de Griffin e Inwood onde usam o “*crisis conditions*” e Aubrey Stewart usa “*pomp and circumstance*”.

[1] *Sunt quaedam nocitura impetrantibus, quae non dare sed negare beneficium est; aestimabimus itaque utilitatem potius quam voluntatem petentium. Saepe enim noxia concupiscimus, nec dispicere, quam perniciosae sunt, licet, quia iudicium interpellat adfectus; sed cum subsedit cupiditas, cum impetus ille flagrantis animi, qui consilium fugat, cecidit, detestamur perniciosos malorum munerum auctores. [2] Ut frigidam aegris negamus et lugentibus ac sibi iratis ferrum, ut amentibus, quidquid contra se usurus ardor petit, sic omnino, quae nocitura sunt, impense ac summis, non numquam etiam miserabiliter rogantibus perseverabimus non dare. Cum initia beneficiorum suorum spectare tum etiam exitus decet et ea dare, quae non tantum accipere, sed etiam accepisse delectet. Multi sunt, qui dicant: [3] «Scio hoc illi non profuturum, sed quid faciam? Rogat, resistere precibus eius non possum; viderit: de se, non de me queretur.» Falsum est: immo de te et merito quidem; cum ad mentem bonam redierit, cum accessio illa, quae animum inflammabat, remiserit, quidni eum oderit, a quo in damnum ac periculum suum adiutus est?*

[1] Alguns [benefícios] prejudicam aqueles que os obtêm, o benefício não é conceder a quem pede, mas negar; portanto, devemos considerar mais a utilidade [do benefício] e não a vontade daquele que pede. Pois constantemente desejamos coisas danosas para nós, e não discernimos quão perniciosas são, porque nossas paixões interpelam²² nosso julgamento; mas quando a paixão se acalma, quando o ímpeto que inflama nossa alma que afugenta nossas deliberações desaparece, passamos a detestar aqueles que nos presentearam com males por serem autores de nossa ruína. [2] Recusamos água fria aos enfermos, e negamos dar a espada a alguém de luto ou irado, e aos loucos não damos nada que eles possam usar contra si mesmos, da mesma forma não damos coisas danosas àqueles que pedem docilmente e com persistência, mesmo que peçam miseravelmente. Devemos observar o início de dos seus benefícios, mas também o que eles se tornam ao final, e conceder aqueles que satisfazem não só ao serem recebidos, mas também depois. Muitos são os que dizem: [3] “eu sei que isso não será proveitoso para ele, mas o que fazer? Ele pede [pelos benefícios], e não posso resistir a suas súplicas; ele que terá decidido: ele será o culpado, não eu”. Não é verdade: ele te culpará, e merecidamente; quando a alma recobrar sua retidão, quando o ataque que inflama sua alma reduzir, não seria natural ele odiar a pessoa que o prejudicou e o ajudou a colocá-lo em perigo?

²² *Interpellat*. Ao usar essa palavra ele coloca a paixão e a razão em um estado de confronto, o que vai de encontro com um dos pontos centrais do Estoicismo Antigo, a saber: a divisão da alma. Sabemos que a Antiga Stoa era contrária à tripartição da alma formulada por Platão e Aristóteles. Para os antigos estoicos a alma era corpo, una e sem divisões. Deste modo Crisipo conclui que a paixão é um juízo (D.L. VII. 111) e também que o pensamento falso é resultado da “perversão do pensamento, e dessa perversão resultam muitas paixões causadoras de instabilidade.” (D.L. VII. 110). Ou seja, a paixão é, para os antigos estoicos, apenas um erro da razão. Por outro lado, nesta passagem, Sêneca parece retornar à divisão platônica entre razão e paixão dentro da alma, pois conforme visto a paixão interpela (entra em confronto com) a razão.

[4] *Exorari in perniciem rogantium saeva bonitas est. Quemadmodum pulcherrimum opus est etiam invitos nolentesque servare, ita rogantibus pestifera largiri blandum et adfabile odium est. Beneficium demus, quod in usu magis ac magis placeat, quod numquam in malum vertat. Pecuniam non dabo, quam numeraturum adulterae sciam, nec in societate turpis facti aut consilii inveniar; si potero, revocabo, si minus, non adiuvabo scelus.* [5] *Sive illum ira, quo non debebit, impellet, sive ambitionis calor abducat a tutis, in nullum malum vires a me sumere ipso patiar nec committam, ut possit quandoque dicere: "Ille amando me occidit." Saepe nihil interest inter amicorum munera et hostium vota; quidquid illi accidere optant, in id horum intempestiva indulgentia impellit atque instruit. Quid autem turpius quam quod evenit frequentissime, ut nihil intersit inter odium et beneficium?*

2.15

[1] *Numquam in turpitudinem nostram reditura tribuamus. Cum summa amicitiae sit amicum sibi aequare, utrique simul consulendum est. Dabo egenti, sed ut ipse non egeam; succurram perituro, sed ut ipse non peream, nisi si futurus ero magni hominis aut magnae rei merces.* [2] *Nullum beneficium dabo, quod turpiter peterem. Nec exiguum dilatabo nec magna pro parvis accipi patiar; nam ut qui, quod dedit, imputat, gratiam destruit, ita qui, quantum det, ostendit, munus suum commendat, non exprobrat.*

[4] É uma gentileza cruel ceder àquele que pede para ser arruinado. Assim como o mais nobre é salvar os homens contra a sua vontade, também é odioso conceder coisas perniciosas para os que pedem como se fosse algo afável e agradável. Vamos conceder benefícios que quando utilizados geram mais e mais satisfação e que nunca se tornam um mal. Não darei dinheiro sabendo que será usado para [um homem] pagar uma adúltera, nem serei encontrado colaborando com um ato ou um plano repulsivo; se puder, vou impedi-lo, se não, ao menos não o auxiliarei no crime. [5] Talvez a ira o leve a agir de maneira que ele não deveria, ou talvez o calor da ambição o carregue até males nulos, mas ele nunca terá de mim tais meios, nem farei qualquer coisa para que um dia ele possa dizer: “Amando ele me arruinou”. Muitas vezes não há diferença entre os presentes dos nossos os amigos e a maldição dos nossos inimigos; a indulgência²³ imprópria do primeiro estimula e produz a ruína que o último nos deseja. Por outro lado, o que poderia ser mais vergonhoso, embora seja frequente, não haver diferença entre o ódio e o benefício?

2.15

[1] Nunca devemos conceder [benefícios] que voltarão para nos envergonhar. Como a suma da amizade é tornar nossos amigos iguais a nós, devemos considerar ambos simultaneamente. Dar àquele que perece, mas não para que pereça; devemos socorrer quem perece, mas não à custa de nossa própria vida, a menos que no futuro eu venha a ser o lucro²⁴ de um grande homem ou de uma grande causa. [2] Não devemos dar nenhum benefício que seria vergonhoso pedir. Não devemos dilatar um [benefício] exíguo, nem permitiremos que um grande seja considerado trivial; pois alguém que faz do benefício uma dívida destrói [o sentimento de] gratidão, desta maneira dê teu presente mostrando [seu valor] sem reprovar o destinatário.

²³ No Livro Primeiro de *Sobre os Benefícios*, Sêneca parece fazer uma observação similar a esta em 1.2. No entanto, naquela ocasião ele censurava a *quantidade* desmedida de benefícios prestados por um doador. Agora Sêneca enfatiza a questão da *qualidade* dos benefícios, alertando os perigos de um benefício com consequências prejudiciais.

²⁴ Além do texto em latim, checamos três traduções para este trecho. Miriam Griffin e Inwood e Fernández Navarrete mantêm o sentido da frase que encontramos no latim, onde Sêneca emprega um termo do vocabulário comercial (*merces*). Essa fidelidade é perdida Aubrey Stewart que usa o termo *save* como tradução para *merces*.

[3] *Respiciendae sunt cuique facultates suae viresque, ne aut plus praestemus, quam possumus, aut minus. Aestimanda est eius persona, cui damus; quaedam enim minora sunt, quam ut exire a magnis viris debeant, quaedam accipiente maiora sunt. Utriusque itaque personam confer et ipsum inter illas, quod donabis, examina, numquid aut danti grave sit aut parum, numquid rursus, qui accepturus est, aut fastidiat aut non capiat.*

2.16

[1] *Urbem cuidam Alexander donabat, vesanus et qui nihil animo nisi grande conciperet. Cum ille, cui donabatur, se ipse mensus tanti muneris invidiam refugisset dicens non convenire fortunae suae: «Non quaero,» inquit, «quid te accipere deceat, sed quid me dare.» Animosa vox videtur et regia, cum sit stultissima. Nihil enim per se quemquam decet; refert, qui det, cui, quando, quare, ubi, et cetera, sine quibus facti ratio non constabit.*

[3] Todos nós devemos considerar nossos recursos e nossas energias para que não prestemos mais ou menos do que podemos. Devemos considerar a pessoa²⁵ a quem damos; pois alguns homens são grandes demais para dar [presentes] pequenos, enquanto outros [são pequenos demais] para receber grandes presentes. Portanto, devemos comparar o papel de cada um e o presente que concederemos, examinando se o que é dado não é muito oneroso ou insuficiente para o doador, e, por outro lado, se aquele que aceitará desprezará ou não o aceitará.

2.16

[1] Alexandre²⁶, aquele insano e cheio de ideias espalhafatosas, presenteou alguém com uma cidade. Quando aquele que recebeu mediu a si mesmo e tentou escapar da inveja que um presente tão grande poderia atrair, dizendo que [o presente] não era conveniente a alguém de sua fortuna.²⁷ “Eu não considero”, respondeu ele [i.e. Alexandre], “o que é digno para tu receberes, mas o que é digno para eu dar”. Parece ser um discurso corajoso e majestoso, quando [na verdade] ele é muito estulto. Nada é, por si, digno para alguém; importa quem dá, a quem ele dá, quando dá, por que dá, onde dá, e assim por diante, sem isso não é possível pensar sobre isso.

²⁵ *Persona*. Isso é muito significante, como observou Griffin e Inwood (p. 194). Ao usar essa ideia de personagem, isto é, de que cada um cumpre seu papel, Sêneca retoma a ideia presente em *Ep.* 94.1, onde fala sobre como os preceitos (*officia*) devem ser empregados de acordo com as atribuições de cada pessoa. Por exemplo, “ao marido como comportar-se em relação à mulher, ao pai como educar os filhos, ao senhor como dirigir os escravos [...]” (*Ep.* 94.1). Da mesma forma ocorre com os benefícios, pois cada pessoa deve receber um tipo de benefício apropriado para si.

²⁶ Alexandre III da Macedônia, conhecido pela alcunha de o Grande (356 a.C. – 323 a.C.)

²⁷ *Fortunae*. Sêneca escolheu a palavra a dedo, sendo ela bastante relevante para transmitir sua ideia. Essa noção denota vários aspectos culturais, tanto de Roma quanto da Grécia. A *Fortuna* vem da grega *Thyche*, que era a divindade dominante tanto do período helenístico quanto do período romano. Goulet-Cazé (2007) afirma que vários templos foram erguidos em sua homenagem por todo o mundo grego; ela também chama a *Thyche* de “senhora do mundo” (p. 67). Desse modo, percebe-se que nesta anedota, Sêneca coloca que este “alguém” é mais ponderado do que o próprio Alexandre: (1) ele entende que há benefícios que são adequados e inadequados para si, coisa que Alexandre não entendeu; (2) Alexandre, ao conceder tamanho presente, colocou-se acima da própria deusa da sorte.

[2] *Tumidissimum animal! Si illum accipere hoc non decet, nec te dare; habetur personarum ac dignitatum portio et, cum sit ubique virtus modus, aequè peccat, quod excedit, quam quod deficit. Liceat istud sane tibi et te in tantum fortuna sustulerit, ut congiaria tua urbes sint (quas quanto maioris animi fuit non capere quam spargere!): est tamen aliquis minor, quam in sinu eius condenda sit civitas!*

[2] Que criatura insolente! Se não é adequado para ele receber [o presente, também] não te convém dar;²⁸ deve haver uma proporção entre a pessoa²⁹ e seus méritos, e como de todo modo a virtude é o meio termo, aquele que peca³⁰, pode fazê-lo pelo excesso ou pela deficiência³¹. Mesmo que isso seja aceitável e que a Fortuna te elevou tanto até que tuas cidades sejam tua³² liberalidade (mostraria mais um espírito grande não capturar [cidades] do que espalhá-las aleatoriamente!)³³: no entanto, todavia há pessoas que não são grandes o suficiente para colocar uma cidade nos bolsos.³⁴

²⁸ Essa é uma passagem muito boa para entendermos o quão importante é a obra *De Beneficiis* para a ética de Sêneca. Usando o tema dos benefícios, o filósofo de Andaluzia expressa veladamente a ideia de que quem tem os *dogmata* sabe exatamente o que fazer, quando fazer e para quem fazer. Apenas o sábio estoico consegue agir com tanta virtude sempre. E como Sêneca mostra, Alexandre, não tem o menor discernimento para tanto.

²⁹ Cf. nota 28. Remete novamente ao sentido de papel social.

³⁰ Cf. nota 10 do Livro Primeiro (2019).

³¹ Nota-se, nesta frase, outra influência do ecletismo em Sêneca. Desta vez, Sêneca parece utilizar, sem maiores pretensões, a famosa teoria da mediania aristotélica. Segundo Aristóteles “a excelência é, portanto, uma disposição de caráter escolhida antecipadamente. Ela está situada no meio e é definida relativamente a nós pelo sentido orientador, princípio segundo o qual também o sensato a definirá para si próprio. A situação do meio existe entre duas perversões: a do excesso e a do defeito.” (*EN*, II, 6, 1106b1 – 1107a1). Ademais, é um pouco inesperado essa concessão que Sêneca parece fazer a Aristóteles, pois na obra *De Ira* (c. 45 d.C.) o filósofo se mostra irreduzível as suas posições: “Portanto, uma paixão moderada não é outra coisa que um mal moderado” (*De Ira*, 1.10.4).

³² Mirian Griffin e Brad Inwood fazem uma nota para esta palavra (*congiaria*) que convém citar: “A generosidade pública (*congiaria*) geralmente consistia em distribuições de comida, óleo ou vinho: na república dada por magistrados ou indivíduos particulares, nos dias de Sêneca pelos príncipes da plebe” (p. 194, tradução nossa).

³³ Sêneca parece retornar o que disse em 1.1.2 onde faz uma metáfora de que deve-se conceder benefícios da mesma forma que um bom agricultor cultiva sua terra: ele escolhe uma terra fértil para plantar suas sementes, não as espalha ao leu.

³⁴ Novamente Griffin e Inwood mostram como o texto de Sêneca estava entrelaçado com o cotidiano seu e de seus leitores. Este último trecho que o filósofo fala dos bolsos se refere aos presentes distribuídos “no teatro, circo ou anfiteatro, que poderiam ser guardados na dobra da toga que servia de bolso” (p. 194, tradução nossa).

[1] *Ab Antigono Cynicus petit talentum; respondit plus esse, quam quod Cynicus petere deberet. Repulsus petit denarium; respondit minus esse, quam quod regem deceret dare. «Turpissima eiusmodi cavillatio est; invenit, quomodo neutrum daret. In denario regem, in talento Cynicum respexit, eum posset et denarium tamquam Cynico dare et talentum tamquam rex. Ut sit aliquid maius, quam quod Cynicus accipiat, nihil tam exiguum est, quod non honeste regis humanitas tribuat.»*

[1] Um cínico³⁵ pediu um talento³⁶ para Antígono³⁷; sua resposta foi que isso era muito para um cínico pedir³⁸. Após seu pedido rejeitado [o cínico] pediu um denário; ele [Antígono] respondeu que era menos do que um rei pode dar³⁹. “Esse tipo de sarcasmo é vergonhoso; ele encontrou uma maneira de não dar nada. Considerou o rei quando solicitado o denário, considerou o cínico quando solicitado o talento, sendo que o cínico poderia receber um denário e o rei poderia dar um talento. Embora hajam grandes coisas para um cínico aceitar, nada é tão pequeno que não pode tornar um rei mais benevolente⁴⁰”.

³⁵ Essa mesma história é contada por Plutarco em *Regum et Imperatorum Apophthegmata*, *Antigonus* 15.182e. Consultamos as duas versões em grego desse livro (a de Frank Cole Babbitt de 1931 e a de Gregorius Bernardakis de 1874) e as duas traduções em inglês (também do Babbitt e de William W. Goodwin de 1874) e em todas o nome de Trasilo é citado como sendo o cínico em questão.

³⁶ Na Grécia havia o óbolo, que era uma unidade unitária, a menor soma de dinheiro possível. A dracma (ou denário equivalente ao dinheiro romano) vale 6 óbolos. Também havia a mina que valia 100 dracmas. E por fim, o talento, que o cínico pediu ao Antígono, que vale 60 minas. Se seguirmos a proporção citada, a esmola pedida equivaleria a trinta e sei mil óbolos.

³⁷ Antígono Monoftalmo (382 – 301 a.C.) nobre e general da Macedônia.

³⁸ De fato, esse valor é completamente absurdo para que tenha sido pedido por um cínico, pois conforme analisado por William Desmond em seu *The Greek Praise of Poverty: Origins of Ancient Cynicism* (2006), a pobreza e o desprezo por altas quantias de dinheiro era praticamente o núcleo central e a origem da filosofia cínica. Conforme sua análise “Diógenes desfigura a cunhagem de Sinope; Crates vende sua terra e joga o dinheiro fora, ou dá para os pobres; Hipárquia ignora o desejo de seus pais e troca um casamento mais lucrativo por Crates; Metrocles renuncia ao luxo de uma educação peripatética pela companhia livre de Diógenes; Mônimo joga dinheiro sobre as mesas dos banqueiros no mercado; e assim por diante, através da tradição cínica. Assim, a renúncia à riqueza serve quase como um rito de iniciação no mundo dos cínicos. Continua a ser sua principal tarefa depois, quando ridicularizam os ricos por sua arrogância, os pobres por seu materialismo mesquinho e todos pela sua ganância e pelo seu egoísmo que arruinam bens mais elevados, como a amizade, a virtude e a clareza do espírito” (p. 16-17, tradução nossa).

³⁹ Conforme informado na nota anterior, esse valor é extremamente desproporcional para que tenha sido pedido por um cínico. No entanto, a história é invertida na versão de Plutarco (vide nota 33). Lá o cínico primeiramente pede uma *δραχμή* (dracma), porém Antígono responde que esse valor não era digno de um rei dar e só então que o cínico pede um *τάλαντον* (talento), ouvindo assim a resposta de que esse valor era indigno de um cínico. A versão de Plutarco parece mais adequada ao pensamento da escola cínica, pois os cínicos pediam somente o suficiente para viver e que o segundo pedido foi feito tão somente em vista a negação do rei para o primeiro pedido. Desse modo, percebe-se que Sêneca, nesta anedota, coloca o cínico como alguém que não conhecia as regras dos benefícios, ou seja, ele não desconhece o valor que lhe é devido receber e o valor que é devido a Antígono dar, por outro lado, Antígono parece estar completamente ciente disso. De fato é curioso esse “rebaixamento” dos cínicos por parte de Sêneca tendo em vista que um de seus mestres foi o famoso cínico Demétrio de Corinto, a quem Sêneca tinha em alta estima.

⁴⁰ Aulo Gélcio em sua *Noctes Atticae* explica que em sua época havia uma confusão em sobre entender o sentido de *humanitas*. Em XIII.12.1 ele diz que haviam dois tipos de pessoas: as

[2] *Si me interrogas, probo; est enim intolerabilis res poscere nummos et contemnere. Indixisti pecuniae odium; hoc professus es, hanc personam induisti: agenda est. Iniquissimum est te pecuniam sub gloria egestatis adquirere. Adspicienda ergo non minus sua cuique persona est quam eius, de quo iuvando quis cogitat.* [3] *Volo Chrysippi nostri uti similitudine de pilae lusu, quam cadere non est dubium aut mittentis vitio aut excipientis; tum cursum suum servat, ubi inter manus utriusque apte ab utroque et iactata et excepta versatur. Necesse est autem lusor bonus aliter illam conclusori longo, aliter brevi mittat. Eadem beneficii ratio est. Nisi utrique personae, dantis et accipientis, aptatur, nec ab hoc exhibit nec ad illum perveniet, ut debet.*

[2] Se me perguntares, eu aprovo [o Antígono]; é intolerável que enquanto mendigue dinheiro também o despreze. Tu declaras publicamente que odeias dinheiro; isso é o que professaste e o papel⁴¹ que assumiste: então faça. É extremamente injusto vangloriaste de tua pobreza enquanto aumentas tua riqueza. Portanto, devemos considerar nosso próprio papel, não menos do que [consideramos o papel] da pessoa que pensamos em ajudar. [3] Desejo usar o exemplo do jogo de bola⁴² de nosso Crisipo,⁴³ não há dúvida de que, quando [a bola] cai, é culpa do lançador ou do apanhador; o jogo é bem jogado quando [a bola] segue entre as mãos aptas dos jogadores, indo e voltando entre eles. É necessário, entretanto, que um bom jogador jogue de uma maneira para um parceiro alto e de outra maneira para um parceiro baixo. Podemos fazer a mesma consideração em relação aos benefícios: a menos que seja ajustado a ambos os papéis, o doador e o destinatário, [o benefício] não será nem dado nem recebido como se deve.

que não entendiam e as que entendiam corretamente o grego e o latim. As primeiras igualavam a noção de *humanitas* com a *φιλανθρωπία* grega, as segundas entendiam *humanitas* como a *παιδεία* grega. Assim, *humanitas* como *φιλανθρωπία* significaria algo como “benevolência”, “bondade” e “afetuosidade”. No entanto, Aulo Gélcio fazendo coro ao segundo grupo diz que *humanitas* é o mesmo que *παιδεία*, significando o que eles chamam de “*eruditionem institutionalemque in bonas artes*”. Temos alguma margem de segurança para identificar a qual grupo Sêneca pertence. Há indícios de que ele pertenceria ao primeiro grupo, pois: **1)** A *φιλανθρωπία* é um conceito genuinamente cínico e tanto Sêneca quanto o estoicismo tem uma ascendência nessa escola; **2)** O próprio Sêneca na *Ep.* 88 questiona se as *liberales artes* (a *παιδεία* romana a qual Aulo Gélcio se referia) são capazes de formar um homem de bem (88.3), logo no início da carta ele indica sua posição: “Queres saber o que eu penso das ‘artes liberais’: não admiro, nem incluo entre os bens autênticos um estudo que tenha por fim o lucro” (88.1); **3)** Ainda nesta mesma carta, Sêneca lista quatro virtudes: Coragem (*Fortido*), Lealdade (*Fides*), Temperança (*Temperantia*) e Simpatia (*Humanitas*). Assim, ele define a Simpatia como algo que “impede a soberba e a agressividade para com o próximo; mostra-se amável e afável com todos em palavras, actos e sentimentos; não considera como alheio o mal dos outros, e dos seus bens próprios nenhum estima mais do que aqueles que podem ser úteis a outrem. Acaso as artes liberais podem formar em nós um tal carácter?” (88.30). Por este motivo traduzimos *humanitas* como *benevolência* para seguir a linha da *φιλανθρωπία*.

⁴¹ Cf. nota 28.

⁴² Sêneca pode estar se referindo a um jogo comum entre os romanos, chamado *datatim ludere*, onde duas pessoas jogavam a bola entre si.

⁴³ Cf. nota 24 do Livro Primeiro (2019).

[4] *Si cum exercitato et docto negotium est, audacius pilam mittemus; utcumque enim venerit, manus illam expedita et agilis repercutiet; si cum tirone et indocto, non tam rigide nec tam excusse sed languidius et in ipsam eius derigentes manum remisse occurremus. Idem faciendum est in beneficiis; quosdam doceamus et satis iudicemus, si conantur, si audent, si volunt. [5] Facimus autem plerumque ingratos et, ut sint, favemus, tamquam ita demum magna sint beneficia nostra, si gratia illis referri non potuit; ut malignis lusoribus propositum est conlusorem traducere, cum damno scilicet ipsius lusus, qui non potest, nisi consentitur, extendi. [6] Multi sunt tam pravae naturae, ut malint perdere, quae praestiterunt, quam videri recepisse, superbi et imputatores. Quanto melius quantoque humanius id agere, ut illis quoque partes suae constent, et favere, ut gratia sibi referri possit, benigne omnia interpretari, gratias agentem non aliter, quam si referat, audire, praebere se facilem ad hoc, ut, quem obligavit, etiam exsolvi velit!*

[4] Quando estamos na companhia de alguém treinado e hábil, jogaremos a bola com mais audácia; pois, de qualquer maneira que ela venha, sua mão rápida e ágil a devolverá; se estivermos na companhia de um novato⁴⁴ e desajeitado, não jogaremos tão forte nem com tanta violência, mas com muito mais cuidado, guiando [a bola] suavemente até suas mãos, e quando a bola voltar correremos até ela. Devemos fazer o mesmo com os benefícios; algumas pessoas devemos ensinar e nos darmos por satisfeitos se eles tentarem, se eles se arriscarem, se eles quiserem. [5] Quase sempre tornamos muitas pessoas ingratas e as conservamos assim, como se nossos benefícios fossem grandes apenas porque eles não conseguem retribuir o favor; assim como alguns jogadores maliciosos propositalmente desonram seu companheiro, embora certamente isso estrague o jogo, que não pode se estender sem uma harmonia. [6] Muitas pessoas são de natureza tão depravada que preferem perder aquilo que deram do que serem vistos recebendo algo em troca, eles são orgulhosos e vaidosos.⁴⁵ Tanto melhor quanto mais humano seria se eles [os benfeitores] também conduzissem aqueles [os destinatários] a agirem de acordo com suas partes, e promovessem a possibilidade de que uma graça seja retribuída a si mesmos; temos que interpretar [essas ações] amigavelmente, ouvir um agradecimento como se não fosse outra coisa que uma retribuição, [para que possam] facilmente oferecer [um agradecimento], e que também desejem exonerar-se de suas obrigações!

⁴⁴ *Tirone*. Vem de *tiro*. Ela tem dois sentidos: um militar, para designar um recruta ainda em treinamento e o que empregamos em nosso texto, de iniciante, novato.

⁴⁵ *Imputator*. Verbetes difícil de traduzir. Apesar das palavras serem diferentes no português e no latim, preferimos traduzir o termo como *vaidoso*, pois o sentido de *imputator*, empregado neste caso, designa dois predicados: **1)** Aquele que considera seus benefícios como sendo da mais alta qualidade; e **2)** Aquele que faz alarde. Tentamos capturar, na medida do possível, os dois sentidos em apenas uma palavra.

[7] *Male audire solet fenerator, si acerbe exigit, aequae, si in recipiendo tardus ac difficilis moras quaerit. Beneficium tam recipiendum est quam non exigendum. Optimus ille, qui facile dedit, numquam exegit, reddi gavisus est, bona fide, quid praestitisset, oblitus, qui accipientis animo recepit.*

2.18

[1] *Quidam non tantum dant beneficia superbe, sed etiam accipiunt, quod non est committendum. Iam enim transeamus ad alteram partem tractaturi, quomodo se gerere homines in accipiendis beneficiis debeant. Quodcumque ex duobus constat officium, tantundem ab utroque exigit. Qualis pater esse debeat, eum inspexeris, scies non minus operis illic superesse, ut dispicias, qualem esse oporteat filium; sunt aliquae partes mariti, sed non minores uxoris.*

[7] Geralmente criticamos o agiota⁴⁶ se ele exige amargamente, da mesma forma se ele atrasa e atrapalha, dificultado a restituição. É tão [importante] receber a retribuição de um benefício quanto não exigir. O bom [doador] é aquele que dá facilmente, que nunca exige retorno, mas alegra-se quando ele é feito, e que tendo genuinamente esquecido o que ele concedeu, aceita a retribuição com disposição.

2.18

[1] Algumas pessoas não só dão benefícios de maneira orgulhosa, mas até os aceitam assim, erro que não devemos cometer. Agora passemos para outro lado, sobre como os homens devem agir ao receber a retribuição dos benefícios dados. Qualquer dever⁴⁷ acordado por duas pessoas exige equivalência de ambas as partes. Ao considerar como um pai deve ser, saberá ainda que resta muito trabalho a fazer ao considerar como o filho deve ser. O marido tem algumas atribuições⁴⁸, mas as da esposa não são menores.

⁴⁶ *Fenerator*. Essa noção é bem importante na antiguidade romana. A partir de sua etimologia podemos entender quais eram as atribuições dessa profissão. *Fenerator* provém de *faenus*, que significa juros (GAIA, 2018, p. 654). Esse ofício é o que chamamos hoje de agiota, mas sem a conotação criminal tendo em vista que a atividade era reconhecida. Sêneca, inclusive, era um desses que emprestava dinheiro a juros. Gaia conta que “segundo Tácito e Dion Cássio, Sêneca emprestava bastante dinheiro a altas taxas de juros para a Britânia, outras províncias e até mesmo para a Itália [...] Tácito acrescenta que Sêneca sangrou a Itália e as províncias com imensos empréstimos a altas taxas de juros” (*Ibid.*, p. 656).

⁴⁷ *Officium*. Miriam Griffin e Brad Inwood traduziram este termo como *obligation*; Aubrey Stewart traduz como *function*; Martín Navarrete utiliza o termo *oficio*. Seguindo a linha de Cícero (vide nota 26 da tradução do Livro Primeiro) optamos traduzir *officium* como *dever*. Para mais informações sobre a noção de dever em Sêneca, ver nota supracitada.

⁴⁸ *Partes*. Pode ser traduzida como *partes, lados*. O sentido da palavra é demonstrar que existem certos *deveres* pertinentes à *persona* do marido, da esposa e assim por diante. Por este motivo optamos por traduzir este termo como *atribuições*. Cf. nota 28.

[2] *In vicem ista, quantum exigunt, praestant et parem desiderant regulam, quae, ut ait Hecaton, difficilis est; omne enim honestum in arduo est, etiam quod vicinum honesto est; non enim tantum fieri debet, sed ratione fieri. Hac duce per totam vitam eundum est, minima maximaque ex huius consilio gerenda; quomodo haec suaserit, dandum. Haec autem hoc primum censebit non ab omnibus accipiendum. A quibus ergo accipiemus? Ut breviter tibi respondeam: ab his, quibus dedissemus.* [3] *Videamus, num etiam maiore dilectu quaerendus est, cui debeamus, quam cui praestemus. Nam ut non sequantur ulla incommoda (secuntur autem plurima), grave tamen tormentum est debere, cui nolis; contra iucundissimum ab eo accepisse beneficium, quem amare etiam post iniuriam possis, ubi amicitiam alioqui iucundam causa fecit et iustam. Illud vero homini verecundo et probro miserrimum est, si eum amare oportet, quem non iuvat.* [4] *Totiens admoneam necesse est non loqui me de sapientibus, quos, quidquid oportet, et iuvat, qui animum in potestate habent et legem sibi, quam volunt, dicunt, quam dixerunt, servant, sed de imperfectis hominibus honestam viam sequi volentibus, quorum adfectus saepe contumaciter parent. Itaque eligendum est, a quo beneficium accipiam;* [5] *et quidem diligentius quaerendus beneficii quam pecuniae creditor. Huic enim reddendum est, quantum accepi, et, si reddidi, solutus sum ac liber; at illi et plus solvendum est, et nibilo minus etiam relata gratia cohaeremus; debeo enim, cum reddidi, rursus incipere, manetque amicitia; et ut in amicitiam non reciperem indignum, sic ne in beneficiorum quidem sacratissimum ius, ex quo amicitia oritur.*

[2] Cada um deles cumpre sua função, exigindo um do outro, e procuram uma orientação igual e imparcial, e isso, como afirma Hecatão,⁴⁹ é difícil; pois tudo que é honesto é árduo, da mesma forma aquilo que se aproxima da honestidade? [também será árduo]; isto é, não é tanto o que fazemos, mas o que fazemos racionalmente. Devemos seguir essa direção por toda nossa vida, e temos que fazer tudo, grande ou pequeno, segundo essa deliberação; dessa forma, precisamos conceder [os benefícios] como exigido [pela razão]. Entretanto, o primeiro preceito [da razão] será que não devemos aceitar [benefícios] de todos. Então de quem devemos aceitar? Posso te responder brevemente: daqueles a quem daríamos. [3] Consideremos se não devemos sermos mais cuidadosos ao escolher a quem temos uma dívida ou a quem [simplesmente] daríamos. Pois, mesmo que não haja incômodo (embora haja na maioria das vezes), ainda é um profundo tormento dever alguém que não desejas; por outro lado, é um grande prazer receber um benefício de alguém que possas amar, mesmo depois de seres prejudicado, onde uma amizade prazerosa é legitimada por ter uma razão para isso. Nada é mais miserável para homem verdadeiramente modesto e honrado do que ser obrigado a amar alguém a quem não agradável. [4] Sempre é necessário lembrar de que não falo dos homens sábios, que sabem o que é próprio fazer, que possuem o controle de seu espírito e que estabelecem para si mesmos a lei que desejam estabelecer, preservando-a, mas [falo] dos homens imperfeitos que desejam seguir o caminho da virtude, que muitas vezes teimosamente obedecem às paixões. Portanto, devemos eleger de quem recebemos o benefício; [5] e certamente, deveríamos ter mais cuidado ao escolhermos um credor de um benefício do que de dinheiro. Pois a este só teríamos que devolver [ao credor] o quanto aceitamos, e quando pagarmos estaremos livres e desonerados; mas para aquele outro, devemos pagar mais, e ainda que a graça tenha sido devolvida, estaremos vinculados; pois quando pagarmos nossa dívida, devemos renová-la, enquanto mantermos nossa amizade; assim como não devemos sermos amigos de alguém indigno, assim certamente também não devemos admiti-lo no mais sagrado elo dos benefícios, do qual surge a amizade.

⁴⁹ Hecatão de Rodas, filósofo do estoicismo médio que viveu no século II a.C. Discípulo de Panécio de Rodas.

[6] «Non semper,» inquit, «mibi licet dicere: 'nolo'; aliquando beneficium accipiendum est et invito. Dat tyrannus crudelis et iracundus, qui munus suum fastidire te iniuriam iudicaturus est: non accipiam? Eodem loco latronem pone, piratam, regem animum latronis ac piratae habentem. Quid faciam? Parum dignus est, cui debeam? [7] "Cum eligendum dico, cui debeas, vim maiorem et metum excipio, quibus adhibitis electio perit. Si liberum est tibi, si arbitrii tui est, utrum velis an non, id apud te ipse perpendes; si necessitas tollit arbitrium, scies te non accipere, sed parere. Nemo id accipiendo obligatur, quod illi repudiare non licuit; si vis scire, an velim, effice, ut possim nolle.» Vitam tamen tibi dedit! [8] «Non refert, quid sit, quod datur, nisi a volente, nisi volenti datur; si servasti me, non ideo servator es. Venenum aliquando pro remedio fuit; non ideo numeratur inter salubria. Quaedam prosunt nec obligant. Tuber quidam tyranni gladio divisit, qui ad occidendum eum venerat; non ideo illi tyrannus gratias egit quod rem, quam medicorum manus reformidaverant, nocendo sanavit.

[6] “Nem sempre”, ele diz, “posso dizer ‘não’; às vezes é preciso aceitar o benefício, mesmo relutante. Um tirano cruel e irado quer me dar um presente e pensa que seria um insulto recusar: eu não aceitaria? Coloque um ladrão ou um pirata⁵⁰ no lugar do tirano, ou um rei que tenha o espírito de um ladrão ou de um pirata. O que fazer? Esse homem não é digno o bastante para que eu lhe deva?” [7] Quando falo sobre a escolha a quem devemos dever, faço uma exceção para a força maior e a intimidação, nelas a escolha verdadeira perece. Se tu fores livre, se a decisão é tua, de escolher ou não [o benefício], então tu mesmo considerarás cuidadosamente [se receberá o presente ou não]; mas se a necessidade retirar tua escolha, saiba que tu não estarás aceitando, mas obedecendo. Ninguém é obrigado a aceitar aquilo que não é lhe permitido repudiar; se tu quiseses saber se eu desejo [aceitar], faça de um jeito que eu possa negar. “Mas ele lhe deu tua vida!” [8] Não interessa o que é, o que foi dado, a menos que seja concedido por um doador disposto para um destinatário disposto; não é porque me salvaste que tu és meu salvador. O veneno às vezes age como um remédio; mas nem por isso ele é considerado entre as coisas saudáveis. Algumas coisas são úteis, mas não obrigatórias. Um homem cortou o tumor de um tirano que ele pretendia matar com a espada; mas mesmo assim o tirano não agradeceu o assassino, cujo ataque curou a doença que os cirurgiões temiam tratar.

⁵⁰ Ambas as atividades (o banditismo e a pirataria) eram marginalizadas e ilegais na Roma Antiga. O *latro* em seu sentido inicial era muito similar à atividade dos mercenários. A partir de Cícero, ganhou a conotação de banditismo (REARDON, 1997, p. 6). De forma geral, ambas as atividades (as do pirata e as do bandido) eram parecidas, diferindo apenas que enquanto o pirata fugia pelo mar, sendo difícil de capturar, o bandido permanecia naquela região (*ibid.* p. 22).

[1] *Vides non esse magnum in ipsa re momentum, quoniam non videtur dedisse beneficium, qui a malo animo profuit; casus enim beneficium est, hominis iniuria. Leonem in amphitheatro spectavimus, qui unum e bestiariis agnitum, cum quondam eius fuisset magister, protexit ab impetu bestiarum. Num ergo beneficium est ferae auxilium? Minime, quia nec voluit facere nec faciendi animo fecit. [2] Quo loco feram posui, tyrannum pone; et hic vitam dedit et illa, nec hic nec illa beneficium. Quia non est beneficium accipere cogi, non est beneficium debere, cui nolis. Ante des oportet mihi arbitrium mei, deinde beneficium.*

2.20

[1] *Disputari de M. Bruto solet, an debuerit accipere ab divo Iulio vitam, cum occidendum eum iudicaret.*

2.19

[1] Tu vês que o ato em si não tem muita relevância, porque não é considerado um benefício quando se faz o bem com uma má disposição; pois nesse caso, o benefício é feito por acaso,⁵¹ o homem prejudicou. Vimos um leão no anfiteatro, que reconheceu um dos bestiários⁵² como seu [antigo] adestrador, e o protegeu dos outros animais. Podemos então concluir que a ajuda da fera selvagem foi um benefício? De maneira alguma, porque ele não queria fazer [o que fez], e nem o fez com a disposição de fazê-lo.⁵³ [2] No lugar em que pus a fera, põe o tirano; ambos deram a vida a alguém, mas nenhum deles beneficiou ninguém. Porque não é um benefício quando somos coagidos a aceitá-lo, [assim como] não é um benefício estar em dívida com alguém que não desejamos. Antes é necessário que me deixes escolher e em seguida conceda-me o benefício.

2.20

[1] Uma questão acerca de Marco Bruto⁵⁴ é levantada frequentemente, se ele deveria aceitar sua vida do Divino Júlio, que [Bruto] já havia decidido matar.

⁵¹ Vide nota 25.

⁵² *Bestiarius*. É interessante a escolha de palavras de Sêneca, porque remete a distinção entre *bestiarius* e *gladiator*. O *bestiarius* era aquele que combatia feras selvagens, enquanto que o *gladiator* combatia outros homens.

⁵³ Miriam Griffin e Brad Inwood explicam em uma nota de sua tradução que Sêneca “segue a doutrina estoica, retirada de Aristóteles, de que os animais, sendo irracionais, não são capazes de ação moral” (2011, p. 94, tradução nossa). De fato vemos Sêneca confirma isso na famosa *Carta* 121, onde explora a noção de *οἰκείωσις*. O filósofo afirma: “o mesmo instinto natural que o leva a buscar o que lhe é útil leva-o a evitar tudo quanto seja prejudicial; sem qualquer reflexão, sem a mínima deliberação, o animal age segundo o que a natureza lhe indica” (121.21).

⁵⁴ Marco Júnio Bruto, o Jovem (85 – 42 a.C.). Patrício e conservador romano, filho de Servília Cepião (104 – 42 a.C.), amante de Júlio César.

[2] *Quam rationem in occidendo secutus sit, alias tractabimus; mihi enim, cum vir magnus in aliis fuerit, in hac re videtur vehementer errasse nec ex institutione Stoica se egisse. Qui aut regis nomen extimuit, cum optimus civitatis status sub rege iusto sit, aut ibi speravit libertatem futuram, ubi tam magnum praemium erat et imperandi et serviendi, aut existimavit civitatem in priorem formam posse revocari amissis pristinis moribus futuramque ibi aequalitatem civilis iuris et staturas suo loco leges, ubi viderat tot milia hominum pugnantia, non an servirent, sed utri! Quanta vero illum aut rerum naturae aut urbis suae tenuit oblivio, qui uno interempto defuturum credidit alium, qui idem vellet, eum Tarquinius esset inventus post tot reges ferro ac fulminibus occisos!*

[3] *Sed vitam accipere debuit, ob hoc tamen non habere illum parentis loco, quia in ius dandi beneficii iniuria venerat; non enim servavit is, qui non interfecit, nec beneficium dedit, sed missionem.*

2.21

[1] *Illud magis venire in aliquam disputationem potest, quid faciendum sit captivo, cui redemptionis pretium homo prostituti corporis et infamis ore promittit. Patiar me ab impuro servari? Servatus deinde quam illi gratiam referam? Vivam cum obsceno? Non vivam cum redemptore? Quid ergo placeat, dicam.*

[2] Trataremos em outra oportunidade as razões pelas quais ele o matou; pois, em minha opinião, embora ele fosse um grande homem em outros aspectos, parece que ele estava intensamente errado e nem se comportou de acordo com a disposição estoica. Ou ele [Bruto] temia o nome rei, embora um estado floresça melhor sob um rei justo, ou ele esperava uma futura liberdade em que havia uma recompensa enorme por ser mestre e escravo, ou ele pensava que seria possível restaurar o antigo modelo do estado mesmo depois de perder as maneiras originais e que os cidadãos teriam direitos iguais e suas leis permanecessem estáveis, quando ele vira muitos milhares de homens lutando, não [para decidir] se seriam escravos, mas de qual dos dois seriam!⁵⁵ Quão esquecido ele estava ou das coisas naturais ou de sua cidade, ao acreditar que se um [tirano] caísse, outro com as mesmas vontades não tomaria seu lugar, apesar de que Tarquínio veio logo após tantos reis terem sido mortos pelas espadas [dos homens] e pelos raios [dos deuses]! [3] Mas ele [Bruto] devia ter aceitado a sua vida, todavia nem por isso devia obediência a ele [César], porque foi através da injúria que [César] adquiriu o direito de conceder o benefício; pois César não matou Bruto, mas também não o salvou, não o destruiu e nem lhe concedeu um benefício, mas o dispensou.⁵⁶

2.21

[1] Há mais um debate sobre o que um prisioneiro pode fazer quando seu resgate é negociado por um prostituto infame por suas habilidades orais. Vou permitir-me ser resgatado por alguém impuro? Depois de resgatado, como devo retribuí-lo? Devo viver com alguém indecente? Não devo viver com aquele que me salvou? Direi minha opinião.

⁵⁵ Sêneca se refere a disputa de poder entre as três cabeças do primeiro triunvirato. Cf. nota 16.

⁵⁶ Segundo Aubrey Stewart o conceito de *missio*, empregado por Sêneca, tinha a conotação de uma dispensa militar. Marco Bruto foi punido sendo espancado e César poupou sua vida, mas cobrando um preço alto, transformando-o em um pária social (2016, p.24).

[2] *Etiam a tali accipiam pecuniam, quam pro capite dependam, accipiam autem tamquam creditum, non tamquam beneficium; solvam illi pecuniam et, si occasio fuerit servandi periclitantem, servabo; in amicitiam, quae similes iungit, non descendam, nec servatoris illum loco numerabo sed feneratoris, cui sciam reddendum, quod accepi.* [3] *Est aliquis dignus, a quo beneficium accipiam, sed danti nociturum est; ideo non accipiam, quia ille paratus est mihi cum incommodo aut etiam periculo suo prodesse. Defensurus est me reum, sed illo patrocínio regem sibi facturum inimicum; inimicus sum, si, cum ille pro me periclitari velit, ego, quod facilius est, non facio, ut sine illo periclitem.* [4] *Ineptum et frivolum hoc Hecaton ponit exemplum Arcesilai, quem ait a filio familiae adlatam pecuniam non accepisse, ne ille patrem sordidum offenderet. Quid fecit laude dignum, quod furtum non recepit, quod maluit non accipere quam reddere? Quae est enim alienam rem non accipere moderatio?*

[2] Aceitaria mesmo de alguém assim para pagar pelo meu pescoço; no entanto, vou aceitá-lo como um empréstimo, não como um benefício; pagaria o dinheiro para ele e se houver uma ocasião para salvá-lo do perigo, o faria; quanto à amizade, que só une os iguais, eu não condescenderia,⁵⁷ nem o considerarei meu salvador, mas sim um agiota,⁵⁸ a quem sou consciente que lhe devo retribuir o que aceitei. [3] Existe alguém digno para eu aceitar um benefício, mas seria nocivo para ele caso desse a mim; por essa razão, não aceito, porque ele está pronto para me ajudar, mesmo sendo incômodo e perigoso. Em um julgamento ele me defenderá, mas, ao me apoiar, ele fará do rei seu inimigo; eu seria seu inimigo, se quando ele desejasse se arriscar por mim, eu não fizesse o que é mais fácil, que é [estar em perigo] sem que ele esteja em perigo.⁵⁹ [4] Hecatóon cita o exemplo tolo e banal de Arcesilau, que afirmou que não aceitar o dinheiro de um filho controlado pela família, para não ofender o pai avarento. O que ele fez que é digno de elogios? Recusar bens roubados? Preferir não aceitar do que devolvê-los [mais tarde]? Pois que moderação é essa [que consiste] em não aceitar coisas de outra pessoa?⁶⁰

⁵⁷ *Descendo*. Literalmente *descendo* significa uma diminuição, decaída. Aubrey Stweart traduz este termo como *condescend*, que captura bem o retrato deste contexto. Assim, mantivemos este mesmo sentido em português, com o termo *condescender*. Sêneca, ao escolher essa palavra em latim e Aubrey ao escolher este termo em inglês, parecem fazer as mesmas pressuposições: **1)** A amizade é entre iguais; **2)** Aquele homem não é igual a mim; **3)** Ele não vai se elevar ao meu nível; **4)** Eu também não descerei no mesmo nível dele.

⁵⁸ Cf. nota 49.

⁵⁹ O final desta passagem é de difícil compreensão. Sêneca diz: *ego, quod facilius est, non facio, ut sine illo periclitetur*. A ideia é que o beneficiado torna-se inimigo de seu benfeitor porque a partir do momento em que o benfeitor vira inimigo do rei, ele é prejudicado diretamente pelo seu benefício.

⁶⁰ Sêneca se refere tacitamente ao *peculio profecticio*, que em linhas gerais era quando o pai reservava uma parte de toda a sua herança para um outro membro da família administrar (SAMPAIO, 2011, p. 87 – 91), no caso do exemplo de Arcesilau, o filho. Miriam Griffin e Brad Inwood dizem que o valor tinha que ser restituído caso o pai soubesse que o menino gastou (2011, p. 195).

[5] *Si exemplo magni animi opus est, utamur Graecini Iulii, viri egregii, quem C. Caesar occidit ob hoc unum, quod melior vir erat, quam esse quemquam tyranno expedit. Is cum ab amicis conferentibus ad impensam ludorum pecunias acciperet, magnam pecuniam a Fabio Persico missam non accepit et obiurgantibus iis, qui non aestimant mittentes, sed missa, quod repudiasset: «Ego,» inquit, «ab eo beneficium accipiam, a quo propinationem accepturus non sum?» [6] Cum illi Rebilus consularis, homo eiusdem infamiae, maiorem summam misisset instaretque, ut accipi iuberet: «Rogo,» inquit, «ignoscas; et a Persico non accepi.» Utrum hoc munera accipere est an senatum legere?*

2.22

[1] *Cum accipiendum iudicaverimus, bilares accipiamus profitentes gaudium, et id danti manifestum sit, ut fructum praesentem capiat; iusta enim causa laetitiae est laetum amicum videre, iustior fecisse. Quam grate ad nos pervenisse indicemus effusis adfectibus, quos non ipso tantum audiente sed ubique testemur. Qui grate beneficium accipit, primam eius pensionem solvit.*

2.23

[1] *Sunt quidam, qui nolint nisi secreto accipere; testem beneficii et conscium vitant; quos scias licet male cogitare. Quomodo danti in tantum producenda notitia est muneris sui, in quantum delectatura est, cui datur, ita accipienti adhibenda contio est; quod pudet debere, ne acceperis. Quidam furtive gratias agunt et in angulo et ad aurem;*

[5] Se for necessário o exemplo de um grande espírito, usemos Júlio Grecino,⁶¹ excelente homem, a quem Caio César matou apenas porque ele era um homem melhor do que é conveniente para um tirano. Quando ele aceitou o dinheiro coletado dos amigos para pagar os jogos públicos, mas recusou a grande quantia de Fábio Pérsico⁶² e quando ele [Grecino] foi censurado por não estimar o quanto foi dado, mas quem deu, ele objetou: “Devo aceitar um benefício de quem não aceitaria nem uma taça de vinho?” [6] Quando o cônsul Ribélio,⁶³ uma pessoa igualmente infame, enviou-lhe uma quantia ainda maior ordenando-lhe que aceitasse, ele disse: “Peço que me perdoe; [também] não aceitei o dinheiro de Pérsico”. Ele estava aceitando presentes ou escolhendo senadores?

2.22

[1] Quando decidirmos aceitar, aceitemos com alegria demonstrando prazer, e isso deve ficar claro para o doador, para que ele tenha uma satisfação imediata; ver um amigo feliz é uma causa justa para ficarmos felizes, mas tê-lo feito feliz é mais legítimo ainda. Devemos mostrar publicamente quão gratos somos através de expressões inflamadas, e não apenas com o doador, mas em qualquer lugar. Aquele que aceita um benefício com gratidão, paga sua primeira parcela.

2.23

[1] Há pessoas que não gostam de aceitar [benefícios], a não ser que seja em segredo; evitando testemunhas que saibam do benefício; saibas que é permitido imaginar que eles têm más intenções. Desse modo, o doador deve fazer alarde do seu benefício [apenas] na medida em que seu recebedor se encanta, mas, como vimos antes,⁶⁴ aquele que recebe deve reunir uma assembleia pública; aquilo que te envergonha dever, que não aceites. Alguns mostram sua gratidão secretamente, em um canto, [sussurrando] no ouvido [do doador];

⁶¹ Lúcio Júlio Grecino. Segundo Columela ele foi um escritor agrônomo. Para além disso, pouco se sabe sobre sua vida, apenas que ele foi assinado por Calígula em 40 d.C.

⁶² Paulo Fábio Pérsico, senador e cônsul romano. Pertencia a uma linhagem nobre, tendo conexões tanto com Augusto quanto com Júlio César.

⁶³ Caio Canínio Rébilo, cônsul romano nomeado em 37 d.C. Pouco se sabe a seu respeito tendo em vista que o mesmo aparece somente em Sêneca (nesta passagem) e em Tácito que narra seu suicídio (*Ann.* XIII. 30).

⁶⁴ Cf. 2.9.

[2] *non est ista verecundia, sed infitiandi genus; ingratus est, qui remotis arbitris agit gratias. Quidam nolunt nomina secum fieri nec interponi pararios nec signatores advocari, chirographum dare. Idem faciunt, qui dant operam, ut beneficium in ipsos conlatum quam ignotissimum sit.* [3] *Verentur palam ferre, ut sua potius virtute quam alieno adiutorio consecuti dicantur; rariores in eorum officiis sunt, quibus vitam aut dignitatem debent, et, dum opinionem clientium timent, graviores subeunt ingratorum.*

2.24

[1] *Alii pessime locuntur de optime meritis. Tutius est quosdam offendere quam demeruisse; argumentum enim nihil debentium odio quaerunt. Atqui nihil magis praestandum est, quam ut memoria nobis meritorum haereat, quae subinde reficienda est, quia nec referre potest gratiam, nisi qui meminit, et, qui meminit, eam refert.*

[2] isso não é modéstia, mas uma maneira de negar [a dívida]; é ingrato aquele que não mostra gratidão diante de testemunhas. Alguns preferem que seu nome não apareça em um livro de contas,⁶⁵ eles não querem nem agentes intermediários, nem colocar suas assinaturas em um documento. Eles fazem da mesma forma que aqueles que se esforçam para tornar os benefícios mais desconhecidos. [3] Eles temem recebê-lo em público, para que digam que ele alcançou [algo] através de suas próprias virtudes, e não com a ajuda de outros; raramente são encontrados desempenhando o seu dever⁶⁶ àqueles a quem devem sua vida ou sua dignidade, e, assim, enquanto evitam a opinião de serem dependentes de alguém, incorrem na ingratidão que é muito mais grave.

2.24

[1] Certas pessoas falam mal daqueles que lhes fizeram grandes favores. Há homens que é mais seguro afrontar do que ajudar; usando o desprezo procuram demonstrar que não estão em dívida. Mas, de fato, não se espera nada mais do que lembrar dos favores que recebemos, lembrando de tempos em tempos, lembrando também logo após serem concedidos, pois ninguém é capaz de devolver uma graça a não ser que se lembre, e quem se lembra [certamente] retribuirá.

⁶⁵ Sêneca menciona o *chirographum*, segundo o *The Law Dictionary* este era um documento escrito a mão, onde se firmava “uma obrigação que uma pessoa escreveu ou assinou com sua própria mão; um reconhecimento da dívida, como do dinheiro recebido, com a promessa de pagar” (tradução nossa). Para maiores informações sobre os termos contábeis utilizados por Sêneca, cf. 1.2.3 e nota 13 da tradução do Livro Primeiro.

⁶⁶ Sêneca utiliza o mesmo termo analisado na nota 45. Aparentemente ele se refere ao que foi dito em 2.23.1, sobre a importância de receber o benefício em público. Pela palavra empregada neste contexto, Sêneca parece considerar a aparição pública como um *dever*, que simboliza a gratidão e um compromisso com o doador.

[2] *Nec delicate accipiendum est nec summis et humiliter; nam qui negligens est in accipiendo, cum omne beneficium recens pateat, quid faciat, cum prima eius voluptas refrigit? Alius accipit fastidiose, tamquam qui dicat:* [3] *“Non quidem mihi opus est, sed quia tam valde vis, faciam tibi mei potestatem”; alius supine, ut dubium praestanti relinquat, an senserit; alius vix labra diduxit et ingrator, quam si tacuisset, fuit.* [4] *Loquendum est pro magnitudine rei impensius et illa adicienda: “Plures, quam putas, obligasti” (nemo enim non gaudet beneficium suum latius patere); “nescis, quid mihi praestiteris, sed scire te oportet, quanto plus sit, quam existimas” (statim gratus est, qui se onerat); “numquam tibi referre gratiam potero; illud certe non desinam ubique confiteri me referre non posse.”*

[2] Não devemos aceitar [benefícios] de um modo efeminado,⁶⁷ nem com submissão e humilhação; pois se alguém age indiferente ao aceitar o benefício quando este ainda está recente e acessível, o que fará quando os primeiros prazeres esfriarem? Outro aceita cheio de desgosto, como se dissesse: [3] “Eu certamente não preciso disso, mas porque tu queres [me presentear] com tanta energia, permitirei que dê”; outros são passivos, deixando o doador em dúvida se eles perceberam [o benefício]; outros mal abrem os lábios [para agradecerem], sendo mais ingratos do que se tivessem ficado em silêncio. [4] Devemos expressar nossa gratidão equiparando-a com a grandeza do benefício e dizer coisas como: “Mais pessoas do que julgas ficarão em dívida contigo” (todos se alegram de descobrir que seus benefícios se estendem além do esperado);⁶⁸ “Tu não sabes o que fizestes por mim, mas precisas saber o quanto é mais [importante] do que estimas” (é uma gratidão imediata aumentar a grandeza do benefício); “Nunca poderei retribuir tua dádiva; mas, certamente nunca deixarei de confessar em todos os lugares a incapacidade de agradecer-te.”

⁶⁷ Essa fina e cruel ironia de Sêneca reflete a mentalidade dos homens romanos de sua época. Embora os romanos tenham sido mais permissíveis sobre os direitos das mulheres do que os gregos, ainda sim elas eram excluídas da vida pública, não podendo exercer, sobretudo, opinião política. Portanto, ficavam confinadas ao gerenciamento das atividades domésticas. Falando sobre o termo que usamos na tradução (efeminado), Sêneca usa a palavra *delicatus*. Seguimos a linha de J. A. Segurado e Campos que traduziu as *Epistolae Moraliū* para a Fundação Calouste Gulbenkian (71.23; 80.8).

⁶⁸ A frase em latim é: *nemo enim non gaudet beneficium suum latius patere*, ou seja, majoritariamente negativa. Como outros tradutores, optamos por reinterpretar a frase de maneira positiva, para que a mensagem fique mais clara.

[1] *Nulla magis Caesarem Augustum demeruit et ad alia impetranda facilem sibi reddidit Furnius, quam quod, cum patri Antonianas partes secuto veniam impetrasset, dixit: "Hanc unam. Caesar, habeo iniuriam tuam: effecisti, ut et viverem et morerer ingratus." Quid est tam grati animi, quam nullo modo sibi satis facere, quam ne ad spem quidem exaequandi umquam beneficii accedere?* [2] *His atque eiusmodi vocibus id agamus, ut voluntas nostra non lateat, sed aperiatur et luceat. Verba cessent licet: si, quemadmodum debemus, adfecti sumus, conscientia eminebit in vultu.* [3] *Qui gratus futurus est, statim, dum accipit, de reddendo cogitet. Chrysippus quidem ait illum velut in certamen cursus compositum et carceribus inclusum opperiri debere tempus suum, ad quod velut dato signo prosiliat; et quidem magna illi contentione opus est, magna celeritate, ut consequatur antecedentem.*

2.26

[1] *Videndum est nunc, quid maxime faciat ingratos. Facit aut nimius sui suspectus et insitum mortalitati vitium se suaque mirandi aut aviditas aut invidia.*

2.25

[1] Por nada Fúrnio⁶⁹ ganhou mais crédito com Augusto⁷⁰ e facilitou a obtenção de outros pedidos para si mesmo, do que ao dizer, quando obteve perdão de seu pai por apoiar Antônio⁷¹: “César, está é a única reclamação que tenho sobre ti: tu me fizeste viver e morrer ingrato.” O que é tão próprio de uma alma agradecida quanto de modo algum mostrar-se satisfeita, quanto não dever ter esperança de algum dia igualar adequadamente o benefício recebido? [2] Através dessas e outras palavras, fazemos com que nossas inclinações não fiquem ocultas, mas que apareçam e brilhem. Ainda que as palavras cessem, se tivermos o sentimento que devemos ter, nossa consciência será demonstrada em nossos semblantes. [3] Aquele que pretende agradecer, precisa imediatamente pensar em como retribuir o benefício aceito. Crisipo, de fato afirma que esse homem [que deseja retribuir o benefício, deve agir] tal como alguém bem preparado para disputar uma corrida, no ponto de partida, esperando o momento das barreiras serem abertas, para que assim ele possa entrar em ação; e, certamente, ele deve fazer um grande esforço, com muita velocidade, para acompanhar aquele que saiu antes dele.⁷²

2.26

[1] Agora consideraremos o que, sobretudo, produz homens ingratos. A causa é ou um excessivo cuidado de si, sendo o vício natural de todos os mortais, de estar maravilhado consigo mesmo e suas realizações,⁷³ ou é ganância ou é inveja.

⁶⁹ Caio Fúrnio, político romano. Um dos fatos mais notáveis de sua vida é sua amizade com Cícero. Tudo que sabemos sobre ele é por intermédio desse filósofo. Segundo a nota de Griffin e Inwood “Ele obteve o perdão de seu pai após a batalha de Áccio em 31 a.C.; mais tarde, Fúrnio tornou-se senador e travou a bem-sucedida guerra contra os cantábrios por Augusto como comandante na Espanha.” (2011, p. 195, tradução nossa)

⁷⁰ Cf. nota 53 do Livro Primeiro (2019).

⁷¹ Marco Antônio (83 -30 a.C.), um dos três componentes do segundo triunvirato, composto também por Lépido e Augusto Otávio). Um ano antes de sua morte, ele se envolveu em uma batalha em Áccio com Otávio. Após sua derrota, ele se suicidou.

⁷² Segundo Diógenes Laércio, Crisipo se dedicava aos esportes antes de estudar filosofia com Zenão ou Cleantes, se dedicando a corridas de longa de distância (VII. 179).

⁷³ Este trecho lembra a noção de *οἰκείωσις* tratada na nota 51. No entanto, Sêneca parece criticar esse comportamento exagerado no cuidado de si. A *οἰκείωσις* visa, num primeiro momento, o “eu”, mas depois ela vai se expandindo, para sua família, seus amigos, sua comunidade, e o ideal é que a conservação abarque todo o cosmos. Long, no capítulo 11 de *Stoic Studies*, explora o papiro de Hierócles, onde o filósofo expõe essa posição sobre a *οἰκείωσις*.

[2] *Incipiamus a primo. Nemo non benignus est sui iudex. Inde est, ut omnia meruisse se existimet et in solutum accipiat nec satis suo pretio se aestimatum putet. «Hoc mihi dedit, sed quam sero, sed post quot labores! Quanto consequi plura potuissem, si illum aut illum aut me colere maluissem! Non hoc speraveram; in turbam coniectus sum. Tam exiguo dignum me iudicavit? Honestius praeteriri fuit.»*

2.27

[1] *Cn. Lentulus augur, divitiarum maximum exemplum, antequam illum libertini pauperem facerent, hic, qui quater milies sestertium suum vidit (proprie dixi; nihil enim amplius quam vidit), ingentii fuit sterilis, tam pusilli quam animi. Cum esset avarissimus, nummos citius emittebat quam verba: tanta illi inopia erat sermonis.*

[2] Começaremos com o primeiro. Todos são amigáveis quando julgam a si mesmos. É por isso que estimam que tudo [o que ganharam] seja merecido, como um pagamento que lhe é devido, que seu valor não é adequadamente apreciado pelos outros. “Ele me deu isso, mas depois de quanto tempo e quanto trabalho! Quanto mais eu poderia conseguir se tivesse preferido cultivar esse ou aquele, ou eu mesmo! Eu não esperava por isso; fui jogado junto com a multidão. Ele julgou que eu era digno de tão pouco? Honestamente, fui ignorado.”

2.27

[1] Cneu Lântulo,⁷⁴ o augúrio, foi exemplo de um homem riquíssimo, até que os libertos⁷⁵ o tornaram pobre, [embora] visse sua fortuna de quatrocentos milhões de sestércios⁷⁶ (falei com propriedade; pois ele não fez mais que a ver), era intelectualmente estéril, tanto quanto débil no espírito. Embora fosse avarentíssimo, distribuía mais rapidamente moedas do que palavras: sendo um orador tão pobre.

⁷⁴ Cneu Cornélio Lântulo Clodiano (114 a.C. - ?), político e cônsul romano em 72 a.C. Foi também general de uma das legiões romanas contra o exército de escravos durante a Terceira Guerra Servil, liderado pelo famoso escravo e gladiador Espártaco.

⁷⁵ *Libertini*. Na Roma Antiga havia uma distinção entre escravos que se tornaram homens livres: os *liberti* e os *libertini*. Os primeiros eram os escravos que conseguiam a liberdade através de seu próprio dono. Os *libertini* eram os escravos que conseguiam a liberdade através de um grupo maior, ou seja, tinha uma conotação mais política. No entanto, diferente dos *liberti*, os *libertini* não tinha direitos políticos.

⁷⁶ Havia cinco moedas em circulação na Roma Antiga: o áureo (de ouro), o denário (de prata), o sestércio (inicialmente de prata e posteriormente de bronze), o dupôndio (de bronze) e o asse (de cobre). Para termos uma ideia do tamanho da fortuna de Lântulo, uma família romana de quatro pessoas conseguia comer durante o ano com 190 denários, equivalente a 790 sestércios. Ou seja, Lântulo poderia quase 380 mil famílias romanas por um ano. Outra comparação que podemos fazer, usando o estudo de Peter Struck, é com o grande atleta Gaius Appuleius Diocles, tido como o esportista mais bem pago da história. Diocles poderia financiar o trigo de Roma por um ano com sua fortuna de 35 milhões de sestércios. Lântulo, por sua vez, poderia fazer o mesmo por dez anos com os seus 300 milhões.

[2] *Hic cum omnia incrementa sua divo Augusto deberet, ad quem attulerat paupertatem sub onere nobilitatis laborantem, princeps iam civitatis et pecunia et gratia subinde de Augusto solebat queri dicens a studiis se abductum; nihil tantum in se congestum esse, quantum perdidisset relicta eloquentia. At illi inter alia hoc quoque divus Augustus praestiterat, quod illum derisu et labore irritum liberaverat!* [3] *Non patitur aviditas quemquam esse gratum; numquam enim improbae spei, quod datur, satis est, et maiora cupimus, quo maiora venerunt, multoque concitior est avaritia in magnarum opum congestu collocata, ut flammae infinite acrior vis est, quo ex maiore incendio emicuit.* [4] *Aequae ambitio non patitur quemquam in ea mensura bonorum conquiescere, quae quondam eius fuit impudens votum. Nemo agit de tribunatu gratias, sed queritur, quod non est ad praeturam usque perductus; nec haec grata est, si deest consulatus; ne hic quidem satiat, si unus est. Ultra se cupiditas porrigit et felicitatem suam non intellegit, quia non, unde venerit, respicit, sed quo tendat.*

[2] Este homem devia todo o seu enriquecimento ao Divino Augusto,⁷⁷ a quem se reportou como alguém pobre sob o fardo de um nobre trabalho, mas ao se tornar um dos grandes cidadãos [de Roma], tanto em dinheiro quanto em influência,⁷⁸ costumava reclamar que Augusto havia lhe afastado dos estudos; dizendo que não ganhou tanto quanto perdeu ao abandonar o estudo da oratória. No entanto, o Divino Augusto também lhe deu outro favor, livrando-o da zombaria e de trabalhos inúteis. [3] A ganância não permite que ninguém seja grato; de fato, nada que é dado é o bastante para satisfazer as esperanças excessivas, quanto mais recebemos, mais desejamos, quanto mais acumulamos riquezas, mais estimulamos a avareza, o seu poder é como uma chama, é como uma chama infinita, visceral, que se expande proporcionalmente à combustão⁷⁹ de onde provém. [4] Igualmente, a ambição não permite que ninguém se acomode com o grau de honras públicas que já foram aspirações vergonhosas. Ninguém é grato por ter se tornado tribuno,⁸⁰ ao invés disso, reclama por não ser diretamente promovido a pretor;⁸¹ nem é grato por isso se for afastado do consulado;⁸² e nem mesmo o consulado poderá satisfazer caso seja apenas um. O desejo supera a si mesmo e não compreende sua fortuna, porque não está olhando para trás de onde veio, mas [somente] para onde se expande.

⁷⁷ Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus (63 a.C. – 14 d.C.). Participou do segundo triunvirato e depois se consolidou como o primeiro imperador romano, ganhou a alcunha de divino, a qual não lhe agradava.

⁷⁸ *Gratia*. Nesse caso, Sêneca está se referindo, explicitamente, à prática do clientelismo. A influência de Lêntulo se devia às trocas de favores que sua posição propiciava.

⁷⁹ *Incendium*. Optamos por traduzir essa palavra como *combustão*, porque Sêneca dificilmente lança conceitos estoicos em suas obras. Mas não podemos afirmar com total certeza que este era o caso. Sêneca também poderia estar fazendo uma espécie de trocadilho, dado que outro significado de *incendium* pode ser *conflagração*, termo estoico também conhecido como “eterno retorno estoico”. A *conflagração* simboliza um ciclo natural do cosmos, onde o fogo é o criador e o destruidor de todas as coisas. Essa é uma teoria de Zenão de Cítio (Plutarco atribui à Crisipo), mas que foi abandonada por Panécio.

⁸⁰ *Tribunatus*. Os tribunos eram os guardiões dos interesses da plebe diante do Senado. Eles continuaram a existir durante o período imperial. No entanto, seu poder era meramente representativo. Por este motivo que Sêneca afirma que ninguém ficará grato com tal título.

⁸¹ *Praetura*. Os pretores eram magistrados que durante a república tinham amplos poderes, executivos e judiciários (herdados da monarquia romana). Eles gozavam de muito status social, por serem próximos das forças militares e da esfera administrativa.

⁸² *Consulatus*. Os cônsules eram os políticos mais importantes da República Romana. Detinham poderes Executivos, Legislativos, Judiciários, Militares (em tempos de conflitos) e até mesmo Religiosos. Eram eleitos dois cônsules para permanecerem no cargo por um ano, no qual se revezavam mensalmente.

[1] *Omnibus his vehementius et importunius malum est invidia, quae nos inquietat, dum comparat: «Hoc mihi praestitit, sed illi plus, sed illi maturius»; et deinde nullius causam agit, contra omnes sibi favet. Quanto est simplicius, quanto prudentius beneficium acceptum augere, scire neminem tanti ab alio, quanti a se ipso aestimari!* [2] *“Plus accipere debui, sed illi facile non fuit plus dare; in multos dividenda liberalitas erat; hoc initium est, boni consulamus et animum eius grate excipiendo evocemus; parum fecit, sed saepius faciet; illum mihi praetulit, et me multis; ille non est mihi par virtutibus nec officiis, sed habuit suam Venerem; querendo non efficiam, ut maioribus dignus sim, sed ut datis indignus. Plura illis hominibus turpissimis data sunt; quid ad rem? Quam raro fortuna iudicat! Cotidie querimur malos esse felices; [3] saepe, quae agellos pessimi cuiusque transierat, optimorum virorum segetem grandio percussit; fert sortem suam quisque ut in ceteris rebus ita in amicitiiis.”* [4] *Nullum est tam plenum beneficium, quod non vellicare malignitas possit, nullum tam angustum, quod non bonus interpret extendat. Numquam deerunt causae querendi, si beneficia a deteriore parte spectaveris.*

[1] Um mau mais violento e angustiante do que todos esses⁸³ é a inveja, que nos inquieta, fazendo comparações: “Ele me deu isso, mas deu mais para aquele outro, esse recebeu antes”; e, em seguida, [a inveja] nunca age em favor de outros interesses, [mas sempre] é favorável a si mesma em comparação com todos os outros. Quão mais simples, quão mais prudente é exagerar o benefício que aceitamos, sabendo que ninguém é tão estimado por outros como por si mesmo! [2] “Eu deveria ter recebido mais, mas não foi fácil para ele dar mais; sua generosidade⁸⁴ deveria ser dividida entre muitos; este é apenas o início, tenho que ver o lado bom e incentivar seu espírito ao receber [o benefício] com gratidão; ele não fez o bastante, mas o fará com frequência; ele escolheu outro a mim, mas me [escolheu antes de] tantos outros; ele não é igual a mim nem em virtude nem em ofício,⁸⁵ mas tem um charme próprio; lamentar não fará de mim mais digno [de maiores benefícios], mas serei indigno do que me foi dado. Foi concedido mais para homens tão infames; e daí? Quão raramente a fortuna julga!⁸⁶ Todos os dias lamentamos que homens maus são sortudos; [3] muitas vezes as tempestades de granizo passam pelos campos das piores pessoas e destroem as plantações dos melhores homens; cada um deve suportar sia sorte tanto na amizade quanto em quaisquer outras condições.” [4] Nenhum benefício é tão pleno que uma inveja não o possa esfaquear, e nenhum é tão pequeno que não possa ser ampliado por um bom intermediário. Jamais faltarão motivos para lamentarmos-nos se olharmos os benefícios pelo lado pior.

⁸³ Isto é, a inveja é mais violenta e angustiante do que o excessivo cuidado de si e do que a ganância (que possui dentro de si a avareza e a ambição).

⁸⁴ *Liberalitas*. É uma virtude romana ligada à liberdade (ao *liber*). No mesmo sentido em que Sêneca trata em 2.19. O leão, neste caso, não prestou um benefício porque ele não era livre para isso, diferente de alguém que é generoso segundo a virtude romana.

⁸⁵ *Officium*. Sêneca usa este conceito importante, mas num sentido ordinário, fora do espectro filosófico, não remetendo à noção de dever moral (Cf. nota 50). Tanto Miriam Griffin e Brad Inwood quanto Aubrey Stewart traduzem este termo como *service*, uma das definições do termo latino.

⁸⁶ A deusa romana da Fortuna era retratada pelos antigos sendo cega ou com uma venda nos olhos, representando assim a aleatoriedade de seus julgamentos: é com essa imagem da deusa que Sêneca brinca.

[1] *Vide, quam iniqui sint divinorum munerum aestimatores et quidem professi sapientiam. Queruntur, quod non magnitudine corporum aequemus elephantos, velocitate cervos, levitate aves, impetu tauros; quod solida sit cutis beluis, decentior dammis, densior ursis, mollior fibris; quod sagacitate nos narium canes vincant, quod acie luminum aquilae, spatio aetatis corvi, multa animalia nandi facilitate.* [2] *Et cum quaedam ne coire quidem in idem natura patiatur, ut velocitatem corporum et vires, ex diversis ac dissidentibus bonis hominem non esse compositum iniuriam vocant et negligentes nostri deos, quod non bona valetudo etiam vitiis inexpugnabilis data sit, quod non futuri scientia. Vix sibi temperant, quin eo usque impudentiae provebantur, ut naturam oderint, quod infra deos sumus, quod non in aequo illis stetimus.* [3] *Quanto satius est ad contemplationem tot tantorumque beneficiorum reverti et agere gratias, quod nos in hoc pulcherrimo domicilio voluerunt secundas sortiri, quod terrenis praefecerunt! Aliquis ea animalia comparat nobis, quorum potestas penes nos est? Quidquid nobis negatum est, dari non potuit.*

2.29

[1] Veja como os presentes divinos são valorizados injustamente e até mesmo por aqueles que se professam sábios.⁸⁷ Eles lamentam que não somos tão grandes fisicamente tal como os elefantes, nem tão velozes quanto os cervos, nem tão leves quanto os pássaros, nem tão fortes quanto os touros; [também lamentam] que as bestas selvagens têm peles duras, os cervos têm pele graciosa, os ursos têm pele grossa, os castores têm peles macias; que os cães são melhores que nós na agudeza do olfato, as águias são mais afiadas na visão, os corvos têm uma vida mais longa e muitos outros animais nadam com mais facilidade [do que nós]. [2] E embora a natureza não permita combinar velocidade e força, todavia, eles falam que é injustiça que os homens não sejam compostos de várias [qualidades] divergentes e falam que os deuses nos negligenciam, porque não gozamos de boa saúde, nem de força contra os vícios e nem de conhecimento do futuro. Eles dificilmente são moderados, tornando-se imprudentes a ponto de odiarem a natureza, uma vez que somos inferiores diante dos deuses e não estamos em igualdade com eles. [3] Quão satisfatório é contemplar os muitos e grandes benefícios que recebemos e agir com gratidão perante os deuses por sua disposição, nos colocando em segundo lugar ao dividir conosco essa morada maravilhosa, [transformando-nos] nos senhores da terra! Alguém pode nos comparar com aqueles animais que foram colocados sob nosso poder?⁸⁸ Tudo aquilo que nos foi negado é o que não poderia nos ser concedido.

⁸⁷ Miriam Griffin e Brad Inwood sugerem em uma nota que Sêneca se refere aos epicuristas (p. 196). Concordamos com tal afirmação, pois é possível identificar elementos desta análise que Sêneca fez na *Carta à Meneceu* de Epicuro.

⁸⁸ Essa posição de Sêneca lembra bastante à posição de Aristóteles, porque ambos parecem concordar que o homem é o ser que mais se aproxima do divino. Eles fundamentam essa posição porque o homem é o único animal dotado de *λόγος*. Aristóteles em *De anima* divide a alma em três partes: 1) vegetativa; 2) sensitiva; 3) racional. As plantas possuem apenas a alma vegetativa, os animais possuem a alma vegetativa e a sensitiva e o homem possui, além dessas duas, o *λόγος* (B 3, 414 a 29-31). Este último é concedido pela própria divindade: “o intelecto vem de fora e só ele é divino” (*De Generatione Animalium*, B3, 736b27-28, tradução nossa). Um contraponto curioso é com a escola cínica (que originou o estoicismo): eles inverteram essa hierarquia para deuses, animais e homens. Ao que parece, essa mudança ocorreu, pois houve uma mudança no critério de avaliação. Não sendo mais o *λόγος* o componente divino, mas a autossuficiência (*αὐταρξία*). Conforme Goulet-Cazé (2007) “seu raciocínio foi mais moral do que religioso: é uma condição dos deuses não precisar de nada, e a dos que são mais parecidos com eles precisar de muito pouco. Quem, portanto, para os cínicos, é mais parecido com os deuses? Claramente, os animais” (p. 73).

[4] *Proinde, quisquis es iniquus aestimator sortis humanae, cogita, quanta nobis tribuerit parens noster, quanto valentiora animalia sub iugum miserimus, quanto velociora consequamur, quam nihil sit mortale non sub ictu nostro positum.* [5] *Tot virtutes accepimus, tot artes, animum denique, cui nihil non eodem, quo intendit, momento pervium est, sideribus velociorem, quorum post multa saecula futuros cursus antecedit; tantum deinde frugum, tantum opum, tantum rerum aliarum super alias acervatarum. Circumeas licet cuncta et, quia nihil totum invenies, quod esse te mallet, ex omnibus singula excerpas, quae tibi dari velles; bene aestimata naturae indulgentia confitearis necesse est in deliciis te illi fuisse. Ita est:* [6] *carissimos nos habuerunt di immortales habentque, et, qui maximus tribui honos potuit, ab ipsis proximos collocaverunt. Magna accepimus, maiora non cepimus.*

2.30

[1] *Haec, mi Liberalis, necessaria credidi, et quia loquendum aliquid de maximis beneficiis erat, cum de minutis loqueremur, et quia inde manat etiam in cetera huius detestabilis vitii audacia. Cui enim respondebit grate, quod munus existimabit aut magnum aut reddendum, qui summa beneficia spernit? Cui salutem, cui spiritum debebit, qui vitam accepisse se a dis negat, quam cotidie ab illis petit?*

[4] Então, qualquer um que avalie injustamente a posição humana deve pensar em quanto recebemos de nosso pai, quantos animais mais fortes do que nós submetemos sob nosso jugo, e quantos animais mais velozes nós ultrapassamos, que tudo que é mortal está colocado sob o poder de nossas armas. [5] Recebemos tantas virtudes, tantas habilidades, e, acima de tudo, o nosso espírito, que não há nada que ele não possa superar, assim que tentamos, somos mais rápido que as estrelas, antecipamos seu curso futuro muitas eras antes;⁸⁹ e, além disso, recebemos tanta comida, tanta riqueza, e tantas outras coisas empilhadas sobre muitas outras. Tu poderás percorrer tudo e, porque não encontrarás nada que prefira ser como um todo, poderás escolher algumas [qualidades] de cada [animal] que gostaria que fosse dada para ti mesmo; portanto se fores avaliar bem a generosidade da natureza, necessariamente confessarás que és o queridinho dela.⁹⁰ Assim é; [6] os deuses imortais nos tiveram como os mais estimados e ainda nos tem, e nos concederam a maior honra possível, [isto é] nos estabelecendo próximos deles. Aceitamos coisas, e não pegamos as maiores

2.30

[1] Meu caro Liberal, achei necessário lhe confiar esse assunto, também porque quando falei algo sobre os grandes benefícios [também] falava sobre os pequenos, e também porque a audácia desse vício detestável [i.e. a ingratidão] se espalha para todo o resto. Pois aquele que despreza os maiores benefícios, a quem responderá com gratidão ou que presente ele estimará grande a ponto de retribuir? Se ele nega que recebeu dos deuses a sua vida, que ele pede cotidianamente para eles, então a quem ele deverá por sua segurança e por sua vida?

⁸⁹ Sêneca pode estar se referindo aqui sobre a astronomia antiga, que desde os pré-socráticos fazia previsões impressionantes acerca de eclipses, e também sobre o conhecimento de constelações, das posições dos planetas, das fases da lua, sobre explicações dos fenômenos naturais, como marés, trovões, relâmpagos, terremotos, conhecimentos sobre os oceanos, sobre o fogo e sobre a influência das estações do ano e afins.

⁹⁰ Esse trecho não é uma tradução literal do latim. Mantemos a imagem que Miriam Griffin e Brad Inwood criam em sua tradução, que expressa bem o sentido que Sêneca emprega com o termo *dēliciae*.

[2] *Quicumque ergo gratos esse docet, et hominum causam agit et deorum, quibus nullius rei indigentibus, positis extra desiderium, referre nibilo minus gratiam possumus. Non est, quod quisquam excusationem mentis ingratae ab infirmitate atque inopia petat et dicat: «Quid enim faciam et quomodo? Quando superioribus dominisque rerum omnium gratiam referam?» Referre facile est, si avarus es, sine impendio, si iners, sine opera. Eodem quidem momento, quo obligatus es, si vis, cum quolibet paria fecisti, quoniam, qui libenter beneficium accipit, reddidit.*

2.31

[1] *Hoc ex paradoxis Stoicae sectae minime mirabile, ut mea fert opinio, aut incredibile est eum, qui libenter accipit, beneficium reddidisse. Nam eum omnia ad animum referamus, fecit quisque, quantum voluit; et cum pietas, fides, iustitia, omnis denique virtus intra se perfecta sit, etiam si illi manum exserere non licuit, gratus quoque homo esse potest voluntate. [2] Quotiens, quod proposuit, quisque consequitur, capit operis sui fructum. Qui beneficium dat, quid proponit? Prodesse ei, cui dat, et voluptati esse. Si, quod voluit, effecit pervenitque ad me animus eius ac mutuo gaudio adfecit, tulit, quod petit. Non enim in vicem aliquid sibi reddi voluit; aut non fuit beneficium, sed negotiatio. [3] Bene navigavit, qui quem destinavit portum tenuit; teli iactus certae manus peregit officium, si petita percussit; beneficium qui dat, vult excipi grate; habet, quod voluit, si bene acceptum est. Sed speravit emolumenti aliquid. Non fuit hoc beneficium, cuius proprium est nihil de reditu cogitare.*

[2] Portanto, todos aqueles que nos ensinam a ser gratos a defendem a causa dos homens e dos deuses, pois [os deuses] não precisam de coisa nenhuma, estando acima dos desejos, mas, ainda assim, podemos retribuir com nossa gratidão. Não é justificável que alguém se desculpe por seu caráter ingrato através da fraqueza e da pobreza, e reclame dizendo: “O que fazer e como? Quando posso retribuir a graça diante daqueles que são superiores e donos de todas as coisas?” Agradecer é fácil, caso sejas avarento, é sem custos, caso sejas preguiçoso, é sem esforço. Se desejares pagar tua dívida com quem quer que seja, [basta] no mesmo momento em que te endividastes aceitar o benefício com prazer para retribuí-lo.

2.31

[1] Em minha opinião, esse paradoxo da doutrina estoica de modo algum é extraordinário ou inacreditável, [ou seja:] aquele que aceita o benefício de bom grado já o retribui. Pois, se atribuirmos tudo ao espírito então todos fizeram o que desejavam fazer; tal como a piedade, a confiança e a justiça, toda virtude é completa em si mesma, mesmo que um homem não seja capaz de levantar a mão, ele ainda pode ser grato através de sua disposição. [2] Sempre que alguém consegue aquilo que buscava, ele goza dos frutos de seu trabalho. Quando um homem concede um benefício, qual o seu propósito? Ele quer ser útil e promover a satisfação de seu destinatário. Se ele fez aquilo que desejava, e isto me alcançou e sentimos uma alegria mútua então ele conquistou o que almejava. Pois, ele não queria receber alguma coisa em troca; caso contrário, não seria um benefício, mas uma negociação. [3] O homem navegou bem quando chegou ao porto que se destinava. Uma lança arremessada a certa distância por uma mão firme cumpre seu dever⁹¹ ao atingir o alvo; quem concede um benefício deseja que ele seja aceito com gratidão; o doador tem aquilo que queria se for bem recebido. “Mas ele esperava obter algo em troca.” Então não era um benefício, cujo propósito é não pensar em um retorno.

⁹¹ *Officium*. Neste trecho vemos o melhor de Sêneca: o filósofo consegue envolver o seu leitor com conceitos filosóficos densos (neste caso, *officium*) e ao mesmo tempo envolve o leitor com exemplos (*exemplum*), como o homem que navega, ou como a lança atirada no centro do alvo, ou utilizando a questão dos benefícios, escopo deste tratado.

[4] *Quod accipiebam, eo animo accepi, quo dabatur: reddidi. Alioqui pessima optimae rei condicio est: ut gratus sim, ad fortunam mittor! Si illa invita respondere non possum, sufficit animus animo.* [5] *“Quid ergo? non, quidquid potuero, et faciam, ut reddam, et temporum rerumque occasionem sequar et implere eius sinum cupiam, a quo aliquid accepi?” Sed malo loco beneficium est, nisi et excussis manibus esse grato licet!*

2.32

[1] *“Qui accepit,” inquit, “beneficium, licet animo benignissimo acceperit, nondum consummavit officium suum; restat enim pars reddendi; sicut in lusu est aliquid pilam scite ac diligenter excipere, sed non dicitur bonus lusor, nisi qui apte et expedite remisit, quam acceperat.”* [2] *Exemplum hoc dissimile est; quare? Quia huius rei laus in corporis motu est et in agilitate, non in animo; explicari itaque totum debet, de quo oculis iudicatur. Nec tamen ideo non bonum lusorem dicam, qui pilam, ut oportebat, excepit, si per ipsum mora, quominus remitteret, non fuit.*

[4] Recebi o que me foi dado com a mesma disposição em que foi concedida: assim eu o retribuí. De outro modo, essa coisa excelente [i.e. o benefício] estaria em péssimas condições: dependendo da fortuna para ser grato! Se a fortuna for adversa, não posso retribuir, a disposição do espírito será suficiente. [5] “O que? Não devo fazer aquilo que puder para retribuí-lo e ficar atento ao tempo e a circunstância oportuna e desejar encher o bolso⁹² daquele de quem aceitei alguma coisa?” Mas o benefício dele está em um lugar ruim se não se puder ser grato, mesmo estando de mãos abanando.

2.32

[1] “Um homem que recebeu”, ele diz, “um benefício, ainda que tenha recebido com boa disposição, ainda não consumou o seu dever;⁹³ pois ainda resta a parte da retribuição; assim como em um jogo de bola, uma coisa é pegar a bola com habilidade e diligência, mas [um homem] não pode ser chamado de bom jogador, a menos que seja apto e ágil em devolver [a bola] que pegou.” [2] Esse exemplo⁹⁴ é falso; por quê? Porque, neste caso, jogar de forma digna [depende] do movimento e da agilidade do corpo, não do espírito; dessa forma, o que é julgado pelos olhos deve assim ser explicado na sua totalidade. E, do mesmo modo, não diríamos que alguém não é um bom jogador porque pegou a bola como deveria, mas demorou para devolvê-la se o atraso na devolução não foi causado por ele mesmo.

⁹² Cf. nota 37.

⁹³ *Officium*. Destacamos que Sêneca novamente utiliza esse termo central de sua ética.

⁹⁴ *Exemplum*. Este conceito é fundamental, não só neste tratado, mas em toda a obra de Sêneca. Como destacamos na Introdução e na nota 94, o filósofo de Andaluzia preenche seus tratados com ricos e vivos exemplos, conferindo-lhes uma disposição filosófica rigorosa, mas ao mesmo tempo acessível e eficaz. Na *Carta* 6, Sêneca diz ao seu pupilo Lucílio que o mesmo não deve ficar apenas lendo diversos livros, mas também sair e conversar com as pessoas, pois “[...] a via através dos conselhos (*praecepta*) é longa, através de exemplos (*exemplum*) é curta e eficaz.” (*Ep*.6.5). Em outra carta, o filósofo nos diz que devemos ter respeito e admirar os sábios antigos, tomá-los como exemplos para nossas vidas e celebrá-los através de bustos e outras formas de homenagem (*Ep*. 69.9-10).

[3] «*Sed quamvis,*» inquit, «*arti ludentis nihil desit, quia partem quidem fecit, sed partem, quam non fecit, potest facere, lusus ipse imperfectus est, qui consummatur vicibus mittendi ac remittendo*» Nolo diutius hoc refellere; existimemus ita esse, desit aliquid lusui, non lusori; sic et in hoc, de quo disputamus, deest aliquid rei datae, cui par alia debetur, non animo, qui animum parem sibi nactus est et, quantum in illo est, quod voluit, effecit.

2.33

[1] *Beneficium mihi dedit; accepi non aliter, quam ipse accipi voluit: iam habet, quod petit, et quod unum petit, ergo gratus sum. Post hoc usus mei restat et aliquod ex homine grato commodum; hoc non imperfecti officii reliqua pars est, sed perfecti accessio. Facit Phidias statuam; [2] alius est fructus artis, alius artificii: artis est fecisse, quod voluit, artificii fecisse cum fructu; perfecit opus suum Phidias, etiam si non vendidit. Triplex illi fructus est operis sui: unus conscientiae; hunc absoluto opere percipit; alter famae; tertius utilitatis, quem allatura est aut gratia aut venditio aut aliqua commoditas. [3] Sic beneficii fructus primus ille est conscientiae; hunc percipit, qui, quo voluit, munus suum pertulit; secundus et tertius est et famae et eorum, quae praestari in vicem possunt. Itaque cum benigne acceptum est beneficium, qui dedit, gratiam quidem iam recepit, mercedem nondum; debeo itaque, quod extra beneficium est, ipsum quidem bene accipiendo persolvi.*

[3] “No entanto”, alguém diz, “embora ele não esteja longe de dominar a arte do jogo, porque ele cumpriu uma parte [de seu dever], mas não cumpriu a outra parte que poderia fazer, assim o jogo se tornar imperfeito, pois sua completude exige que a bola vá e volte [entre os jogadores].” Não vamos nos ocupar mais com esta refutação; suponhamos que sim, que o jogo é imperfeito, mas o jogador não é; da mesma forma, no caso que investigamos, falta alguma coisa ao que é dado, porque outra coisa igual deve ser devolvida, mas no espírito do doador não falta nada, pois encontrou um espírito igual ao seu e encontrou aquilo que queria na medida que desejava.

2.33

[1] Um homem nos concede um benefício; nós o aceitamos da mesma forma⁹⁵ que ele desejava que fosse aceito: ele agora tem o que procurava e a única coisa que procurava porque somos gratos. Depois disso, resta apenas que aproveite de nós mesmos e das vantagens de nossa gratidão; mas isso não é um complemento de um dever⁹⁶ imperfeito; mas uma adição para algo já completo. Fídias⁹⁷ fez uma estátua; [2] o fruto de sua arte é uma coisa e o fruto de seu emprego é outra: [o fruto] da arte é ter feito o que se quis, já o do emprego é fazer com lucro; Fídias terminou sua obra, mesmo que não a tenha vendido. Portanto, o fruto de seu emprego é triplo: o primeiro é a consciência; que ele recebe quando sua obra é realizada; o outro [fruto] é a fama; o terceiro é a utilidade que virá ou do respeito, ou da venda, ou de outras conveniências. [3] Como vimos, o primeiro fruto de um benefício é a consciência dele próprio, que alguém sente quando deseja presentear o seu destinatário; o segundo e o terceiro são a fama e o que ganhamos com ela, [e aquelas coisas] que podemos receber em troca dela. Portanto, quando um benefício é aceito amigavelmente, aquele que concedeu já recebe sua gratidão, mas não a recompensa; por isso, devemos algo externo ao benefício, mas retribuimos quando aceitamos [o benefício] adequadamente.

⁹⁵ *Accepi non aliter*. Invertemos o sentido para facilitar a compreensão do texto. Literalmente, ficaria algo como “aceitei não diferentemente...”.

⁹⁶ Cf. nota 96.

⁹⁷ Fídias de Atenas (480 – 430 a.C.). Um dos maiores escultores da humanidade, famosa por esculpir a estátua de Atena (*Ἀθηνᾶ Παρθένος*) e uma estátua de Zeus, considerada uma das sete maravilhas do mundo antigo, destruída no século V d.C.

[1] “*Quid ergo?*”, inquit, “*rettulit gratiam, qui nihil fecit?*” Primum fecit: bono animo bonum obtulit et, quod est amicitiae, ex aequo. Post deinde aliter beneficium, aliter creditum solvitur; non est, quod expectes, ut solutionem tibi ostendam; res inter animos geritur. [2] Quod dico, non videbitur durum, quamvis primo contra opinionem tuam pugnet, si te commodaveris mihi et cogitaveris plures esse res quam verba. Ingens copia est rerum sine nomine, quas non propriis appellationibus notamus, sed alienis commodatisque. Pedem et nostrum dicimus et lecti et veli et carminis, canem et venaticum et marinum et sidus; quia non sufficimus, ut singulis singula adsignemus, quotiens opus est, mutuamur. [3] Fortitudo est virtus pericula iusta contemnens aut scientia periculorum repellendorum, excipiendorum, provocandorum; dicimus tamen et gladiatorem fortem virum et servum nequam, quem in contemptum mortis temeritas impulit. [4] Parsimonia est scientia vitandi sumptus supervacuos aut ars re familiari moderate utendi; parcissimum tamen hominem vocamus pusilli animi et contracti, cum infinitum intersit inter modum et angustias. Haec alia sunt natura, sed efficit inopia sermonis, ut et hunc et illum parcum vocemus, ut et ille fortis dicatur cum ratione fortuita despiciens et hic sine ratione in pericula excurrans. [5] Sic beneficium est et actio, ut diximus, benefica et ipsum, quod datur per illam actionem, ut pecunia, ut domus, ut praetexta; unum utrique nomen est, vis quidem ac potestas longe alia.

[1] “O que?” tu dizes, “ele pode devolver a graça não fazendo nada?” Primeiro, ele fez algo: ele ofereceu algo bom com boa disposição e isso é amizade, que os coloca em igualdade. Em seguida, um benefício é pago de maneira diferente que um empréstimo; tu não podes esperar que eu lhe ofereça qualquer pagamento; nossa relação é sustentada por nossas disposições. [2] O que estou dizendo não parecerá complicado, embora, em primeiro lugar, esteja em conflito com a tua opinião, se me fizeres um favor e pensar que há mais coisas do que palavras. Há uma abundância enorme de coisas sem nomes, das quais não nomeamos com seus nomes próprios, mas que são emprestadas de outras [palavras]. Nós falamos sobre o nosso pé, e do pé de um sofá, e do pé de uma vela,⁹⁸ e do pé de um poema, [também] falamos da palavra cão como um cão de caça, e como um cão do mar,⁹⁹ e como uma constelação;¹⁰⁰ como não temos palavras suficientes para designar cada coisa individualmente, tomamos emprestadas sempre que precisamos. [3] A coragem é uma virtude que desafia apropriadamente os perigos ou um conhecimento de como repelir, acomodar ou provocar os perigos; ainda assim, consideramos um gladiador¹⁰¹ como um homem corajoso e também um escravo sem valor, que é levado a desprezar a morte imprudentemente. [4] A parcimônia é um conhecimento de como evitar gastos supérfluos ou uma habilidade de usar os negócios da família com moderação; mas também chamamos um homem mesquinho e de espírito pequeno de muito parcimonioso, embora haja uma diferença infinita entre moderação e mesquinhez. Essas coisas são de natureza diferente, mas a escassez de nossos discursos nos obriga a chamar ambos de parcimoniosos, assim como dizemos que é corajoso aquele que despreza racionalmente a fortuna e aquele que corre irracionalmente em direção ao perigo. [5] Como já dissemos, do mesmo modo que o benefício é uma ação benéfica em si mesmo, ele também é dado por uma ação como dinheiro, uma casa, uma magistratura; há apenas um nome para ambos, embora certamente sua força e seu poder sejam muito diferentes.

⁹⁸ *Velum*. Acreditamos que Sêneca pode estar se referindo à vela de um navio que é acoplada em um mastro ou até mesmo de um velário, uma espécie de cortina, presente nos antigos teatros romanos.

⁹⁹ Em uma nota de rodapé, Griffin e Inwood explicam que essa expressão recai sobre o animal que conhecemos hoje como foca (2012, p. 196).

¹⁰⁰ Sêneca provavelmente está se referindo a constelação *Canis Minor*, Cão Menor, que é um conjunto de estrelas descoberta ainda na Mesopotâmia.

¹⁰¹ *Gladiator*. Sobre a diferença entre *gladiator* e *bestiarius*, cf. nota 55.

[1] Itaque attende, iam intellegis nihil me, quod opinio tua refugiat, dicere. Illi beneficio, quod actio perficit, relata gratia est, si illud benevole excipimus; illud alterum, quod re continetur, nondum reddidimus, sed volumus reddere. Voluntati voluntate satis fecimus; rei rem debemus. Itaque, quamvis rettulisse illum gratiam dicamus, qui beneficium libenter accipit, iubemus tamen et simile aliquid ei, quod accepit, reddere. [2] A consuetudine quaedam, quae dicimus, abhorrent, deinde alia via ad consuetudinem redeunt. Negamus iniuriam accipere sapientem, tamen, qui illum pugno percusserit, iniuriarum damnabitur; negamus stulti quidquam esse, et tamen eum, qui rem aliquam stulto surripuit, furti condemnabimus; insanire omnes dicimus, nec omnes curamus elleboro; his ipsis, quos vocamus insanos, et suffragium et iuris dictionem committimus. [3] Sic dicimus eum, qui beneficium bono animo accipit, gratiam rettulisse, nibilo minus illum in aere alieno relinquitur gratiam relaturum, etiam cum rettulit. Exhortatio est illa, non infitatio beneficii, ne beneficia timeamus, ne ut intolerabili sarcina pressi deficiamus animo. “Bona mihi donata sunt et fama defensa, detractae sordes, spiritus servatus et libertas spiritu potior. Et quomodo referre gratiam potero? Quando ille veniet dies, quo illi animum meum ostendam?”

[1] Portanto, preste atenção, e logo perceberás que nada do que dissemos pode escapar de tua opinião. A graça do benefício, que na própria ação já é completa, é devolvida se o aceitarmos com gentileza; aquele outro, que consiste em algo material, não retribuímos, mas desejamos fazê-lo. Nossos desejos são satisfeitos ao satisfazermos os desejos do outro; mas ainda devemos algo material ao que nos foi concedido.¹⁰² Dessa maneira, embora digamos que aquele que recebeu um benefício alegremente retornou a graça, ainda assim, impomos que devolva algo semelhante ao que foi aceito. [2] Algumas coisas que dissemos diferem da forma costumeira [que falamos],¹⁰³ mas depois voltam a ela por outro caminho. Negamos que o sábio possa sofrer uma injustiça, no entanto, caso alguém o soque, ainda o condenaremos pela injúria; negamos que o insensato tenha algo, entretanto, se alguém roubar alguma coisa do insensato, o condenaremos por furto; dissemos que todos são loucos, mas não os tratamos com heléboro;¹⁰⁴ essas mesmas pessoas, a quem chamamos de loucas, conferimos [tanto o direito] do voto, quanto o de emitir julgamentos. [3] Da mesma forma, dissemos que uma graça é retribuída quando aceitamos o benefício com uma boa disposição, mas deixamos o outro em dívida, tendo que devolver a graça, mesmo que ele já tenha retribuído [com a gratidão]. Isso é um incentivo, não uma negação para conceder benefícios, nem temê-los, nem desmaiarmos sob a pressão intolerável de seu fardo. “Boas coisas foram dadas a mim e minha honra foi defendida, fui retirado da miséria, minha vida foi salva, aliás, algo mais valioso do que a vida, minha liberdade. Como poderei retribuir essas graças? Quando chegará o dia em que poderei mostrar a ele como me sinto?”

¹⁰² No latim, este trecho fica bastante interessante para se ler devido às declinações que as palavras sofrem na oração. Mas ao trazermos para o português, esse jogo de palavras e declinações se tornam intraduzíveis fielmente (*Voluntati voluntate satis fecimus; rei rem debemus*).

¹⁰³ Aqui, vemos Sêneca confirmar uma impressão sobre o seu ecletismo. Quando o filósofo diz que sua exposição pode diferir “da forma costumeira”, parece fazer uma referência aos princípios ortodoxos do estoicismo. Nas primeiras cartas enviadas à Lucílio, Sêneca sempre terminava citando máximas epicuristas. Em *Ep.* 12.11 ele se defende: “Tudo quanto é verdade pertence-me. E vou continuar a citar-te Epicuro para que todos quantos juram pelas palavras e se interessam, não pela ideia mas pelo autor, fiquem sabendo que as ideias correctas são pertença de todos.”

¹⁰⁴ *Elleborus*. Planta medicinal muito utilizada na antiguidade para tratamento da loucura. O caso mais famoso foi o de Hércules, que em Antírcira foi tratada com a planta por Antiquíreo (Diod. 4.55,4).

[4] *Hic ipse est, quo ille suum ostendit! Excipe beneficium, amplexare, gaude, non quod accipias, sed quod reddas debiturusque sis; non adibis tam magnae rei periculum, ut casus ingratum facere te possit. Nullas tibi proponam difficultates, ne despondeas animum, ne laborum ac longae servitutis expectatione deficias; non differo te, de praesentibus fiat. Numquam eris gratus, nisi statim es.* [5] *Quid ergo facies? Non arma sumenda sunt: at fortasse erunt. Non maria emetienda: fortasse etiam ventis minantibus solves. Vis reddere beneficium? Benigne accipe; rettulisti gratiam, non ut solvisse te putes, sed ut securior debeas.*

[4] No mesmo dia em que dizes isto já mostrarás! Receba um benefício, abraçe-o, desfrute-o, não porque o aceitastes, mas porque tu o devolves e ainda o devolverás; tu nunca estarás em uma situação de grande perigo, onde o infortúnio possa te fazer ingrato. Não há dificuldades no que estou lhe propondo, para que tu não se desesperes e nem desmaie pela expectativa de uma servidão longa e trabalhosa; não demores, faça agora. Tu nunca serás grato a menos que o sejas imediatamente. [5] O que farás então? Não é para pegar em armas: talvez um dia. Não tens que atravessar os mares: mas um dia poderás zarpar,¹⁰⁵ mesmo que os ventos sejam ameaçadores. Desejas devolver o benefício? Aceite-o gentilmente; devolvestes o favor, não para que possas achar que tenha pagado,¹⁰⁶ mas para que possas dever mais despreocupado.

[Recebido em janeiro/2020; Aceito em abril/2020]

REFERÊNCIAS

- ANNALES, Somerville, Tufts University. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu>>. Acesso em: 24 de setembro de 2019.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Antônio de Castro Caiero. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2009.
- ARISTÓTELES. *Generation of Animals*. Trad: A. L. Peck. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1942.
- ARISTÓTELES. *On the Soul. Parva Naturalia. On Breath*. Trad. W. S. Hett. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1957.
- ATTIC NIGHTS, Somerville, Tufts University. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu>>. Acesso em: 31 de agosto de 2019.
- BIBLIOTHECA HISTORICA, BOOKS I-V, Somerville, Tufts University. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu>>. Acesso em: 08 de dezembro de 2019.
- BORGES, G. F. B. B. *O olhar de Sêneca sobre o debate contemporâneo entre as éticas do dever e da virtude*. **Revista Inquietude**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 24-41, 1º semestre, 2019.
- BROUGHTON, Robert. *The Magistrates of the Roman Republic, Volume I, 509 B.C. - 100 B.C..* Nova Iorque: The American Philological Association, 1951.
- CÍCERO, Marco Túlio. *Dos Deveres*. Trad. Carlos H. Gomes. Lisboa: Edições 70, 2000.

¹⁰⁵ *Solvo*. Neste trecho, Sêneca faz um trocadilho brilhante com a ambiguidade deste verbete latino. Por um lado, *solvo* pode ser traduzido como fizemos neste trecho, no sentido de zarpar, levantar âncora ou içar a vela. Por outro lado, *solvo* também tem o sentido de quitar, solver ou pagar uma dívida.

¹⁰⁶ Para que o trocadilho fique explícito para o leitor, colocaremos todo o trecho e sublinharemos os dois usos do verbete *solvo*: “*Non maria emetienda: fortasse etiam ventis minantibus solves* (zarpar). *Vis reddere beneficium? Benigne accipe; rettulisti gratiam, non ut solvisse* (pagado) *te putes, sed ut securior debeas.*”

- DE BENEFICIIS, Somerville, Tufts University. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu>>. Acesso em: 12 de julho de 2019.
- DESMOND, William D. *The Greek Praise of Poverty: Origins of Ancient Cynicism*. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame, 2006.
- GAIA, Deivid Valério. *Profissionais das finanças na Antiguidade romana: os faeneratores no final da República e no início do Império*. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 22, n. 4, p. 651-660, nov/dez, 2018.
- GOULET-CAZÉ, Marie-Odile; BRANHAM, Richard Bracht. (orgs). *Os cínicos: o movimento cínico na Antiguidade e o seu legado*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- GOULET-CAZÉ, Marie-Odile. Religião e os primeiros cínicos. In: GOULET-CAZÉ, Marie-Odile; BRANHAM, Richard Bracht. (orgs). **Os cínicos: o movimento cínico na Antiguidade e o seu legado**. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 59 – 93.
- GREATEST OF ALL TIME, Peter T. Struck. LAPHAM'S NEWSLETTER. Disponível em: <<https://www.laphamsquarterly.org/roundtable/greatest-all-time>>. Acesso em: 11 de novembro de 2019.
- GREEN, Vivian. *A loucura dos reis: Histórias de poder e destruição, de Calígula a Saddam Hussein*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006
- HOOFT, Stan Van. *Ética da Virtude*. Trad: Fábio Creder. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- INWOOD, Brad. *Reading Seneca*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2005.
- LAÉRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário G. Kury. Brasília: Editora UnB, 2008.
- LONG, A. A. *Stoic Studies*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1996.
- NENOVA, Stella. *Sport In Antiquity: Ancient Greek And Roman Ball Games*, 2016. Disponível em: <<http://www.ancientworldalive.com/single-post/2016/06/11/Sport-in-Antiquity-Ancient-Greek-and-Roman-Ball-Games>>. Acesso em: 03 de setembro de 2019.
- POHLENZ, Max. *La Stoa: Storia di un movimento spirituale, volume secondo*. Trad. Ottone de Gregorio. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1967.
- REALE & ANTISERI, Giovanni & Dario, D. *História da Filosofia – vol 1*. São Paulo: Paulus, 2003.
- REARDON, Gail. **Ignoble robbers: bandits and pirates in the Roman World**. 1997. 256 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - University of Tasmania, Hobart, 1997.
- REGUM ET IMPERATORUM APOPHTEGMATA, Frank Cole Babbitt (ed). Somerville, Tufts University. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu>>. Acesso em: 30 de agosto de 2019.
- REGUM ET IMPERATORUM APOPHTEGMATA, William W. Goodwin (ed). Somerville, Tufts University. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu>>. Acesso em: 30 de agosto de 2019.
- SAMPAIO, Rodrigo de Lima Vaz. *A capacidade patrimonial na família romana: peculia e patria*. **R. Fac. Dir. Univ. São Paulo**, São Paulo, v. 106/107, p. 85-107, dez/jan, 2011/2012.
- SÊNECA, Lúcio Aneu Sêneca: Sobre os Benefícios, Livro Primeiro. Trad. George Felipe Bernardes Barbosa Borges e Brenner Brunetto Oliveira Silveira. **Revista Hypnos**, São Paulo, v. 42, p. 114-154, 1º semestre, 2019.
- SÊNECA. *Cartas a Lucílio*. Trad. J.A. Segurado e Campos. Lisboa: Caloste Gulbenkian, 2009.
- SENECA. *Los Benefícios*. Trad. Cristobal Rodriguez. Buenos Aires: Editorial Tor, 1962.
- SENECA. *Los Benefícios*. Trad. Fernández Navarrete. Murcia: Universidad de Murcia, 2006.
- SENECA. *Moral Essays: volume 3*. Trad. John Basore. London: Heinemann, 1935.

- SENECA. *On Benefits*. Trad. Aubrey Stewart. London: Forgotten Books, 2016. SÊNECA. *Sobre a ira/ Sobre a tranquilidade da alma*. Trad. José E.S. Lohner. São Paulo: Penguin Companhia, 2014.
- SPINELLI, Priscilla, T. *A prudência na Ética Nicomaquéia de Aristóteles*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007.
- SYRUS, P. *The Moral Sayings of Publius Syrus, a Roman Slave: From the Latin*. Trad. D. Lyman. Barnard and Company, 2014.
- THE LAW DICTIONARY. *Chirographum*, 2011. Disponível em: < <https://thelawdictionary.org/chirographum/>>. Acesso em: 08 de outubro de 2019.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino Português*. Porto: Gráficos Reunidos, LDA., 1942.
- VEYNE, Paul Marie. *Sêneca e o estoicismo*. Trad. André Telles. São Paulo: Três Estrelas, 2015.